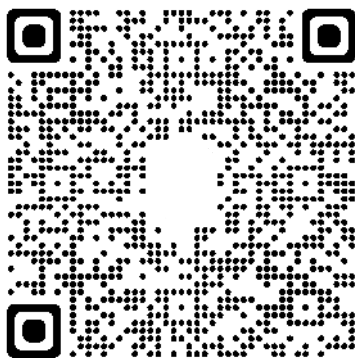


# **nossa história, nossa memória**

Publicações na coluna semanal do  
Museu Antropológico Diretor Pestana  
no Jornal da Manhã

2023



Acesse o material disponível  
de forma online.

**Coluna Nossa História, nossa memória**

Museu Antropológico Diretor Pestana  
Jornal da Manhã  
*organização*

Iselda Teresinha Sausen Feil  
*diretora do Museu Antropológico Diretor Pestana*

Iara Soares  
*diretora do Grupo Jornal da Manhã*

Jaeme Luiz Callai  
*coordenador da Coluna*

Fabricio de Souza  
*projeto gráfico e diagramação*

Sintegraf Gráfica e Editora Ltda.  
*impressão*

# Sumário

<b>Sobre a Coluna</b> página 05	<b>Exposições “étnicas” do Museu Antropológico</b> <b>Diretor Pestana</b> página 23
<b>Apresentação</b> página 07	<b>Panorama da Indústria de Ijuí no Século XX:</b> <b>Década de 1940 e 1990</b> página 24
<b>Jornal da Manhã - 50 anos em 2023</b> página 09	<b>Nosso acervo:</b> <b>moenda de cana-de-açúcar</b> página 25
<b>Nos bastidores do Museu:</b> <b>o processo de aquisição</b> página 10	<b>O Museu Antropológico</b> <b>é um retrato de Ijuí?</b> página 26
<b>Nos bastidores do Museu:</b> <b>o processo de salvaguarda</b> página 11	<b>A caminhada de um</b> <b>museu antropológico</b> página 27
<b>Nos bastidores do Museu:</b> <b>o processo de aquisição</b> página 12	<b>A construção simbólica da</b> <b>história/memória ijuiense</b> página 28
<b>O Teatro Ijuicense</b> página 13	<b>Manifesto de 62 anos do Museu Antropológico</b> <b>Diretor Pestana</b> página 29
<b>Geiss</b> página 14	<b>O Cotrijornal: documento de</b> <b>imprensa como fonte de pesquisa</b> <b>sobre o movimento cooperativista</b> página 30
<b>Design e materialidade:</b> <b>embalagens no Madp</b> página 15	<b>Patrimônio Documental:</b> <b>Fundo Prefeitura Municipal de Ijuí</b> página 31
<b>Extensão Universitária</b> página 16	<b>Usina Velha e biodiversidade</b> página 32
<b>Meios de comunicação: o telefone</b> página 17	<b>Cine Teatro Serrano</b> página 33
<b>Quem são as mulheres que nomeiam</b> <b>os espaços públicos da cidade de Ijuí?</b> página 18	<b>Ações educativas para a valorização</b> <b>do patrimônio cultural</b> página 34
<b>O ambiente nos últimos 50 anos</b> <b>em Ijuí(e no mundo!)</b> página 19	<b>José Oliveira, o artesão do couro</b> página 35
<b>66 anos de Ensino Superior em Ijuí</b> página 20	<b>Acervo em Exposição: Petyngué</b> página 36
<b>As maquetes do Vô Monjolo e o processo</b> <b>artesanal de produção da erva-mate</b> página 21	<b>Nosso acervo: bonecas</b> página 37
<b>Panorama da Indústria de Ijuí no Século XX:</b> <b>Década de 1920 e 1930</b> página 22	

**Venha visitar o Museu**  
página 38

**A semente e os frutos I**  
página 39

**A semente e os frutos II**  
página 40

**Materiais do Sítio Arqueológico Krüger (Ijuí)  
estão expostos no Museu**  
página 41

**Seja um amigo do Museu**  
página 42

**Crenças e Superstições em exposição**  
página 43

**Desfile Cívico em Ijuí**  
página 44

**Erva-mate como patrimônio imaterial**  
página 45

**Erva-mate: história e cultura**  
página 46

**Museu como um lugar de todos**  
página 47

**Já pensou em ser um apoiador  
cultural do Museu**  
página 48

**Diversidade Urbana reforça  
a transformação de Ijuí**  
página 49

**Nossa história, nossa memória: nossa comida?**  
página 50

**Para onde vai o brincar  
quando a infância acaba?**  
página 51

**A necessária integração entre Museu e  
comunidade em atividades culturais**  
página 52

**Esculturas de Ludwig Reichardt Filho:  
um artista que vislumbrou a natureza**  
página 53

**1, 2, 3 e já: o lúdico na diversidade étnica  
sul-rio-grandense**  
página 54

**Fica a dica: mês da consciência negra**  
página 55

**Baixe o caderno de Educação Patrimonial,  
jogue e descubra a cidade de Ijuí**  
página 56

**O lustre da Igreja do Relógio**  
página 57

**Palavras da Diretora**  
página 58

# Sobre a Coluna

*Jaeme Callai, coordenador da  
Coluna “Nossa história, nossa memória”*

Os museus, pelo seu acervo e pelos seus arquivos, constituem-se como depositários da memória da sociedade. São testemunhos físicos, reunidos e devidamente preservados, testemunhos mudos e silenciosos, como que adormecidos, à espera do estudioso, do estudante, do curioso, do acadêmico, do erudito. O conjunto documental nele reunido constitui-se em imensa riqueza a ser conhecida e explorada.

Dirigentes, mantenedores e funcionários responsáveis, todos pelo museu e seu acervo, estão permanentemente diante de desafios. Numa ponta, o esforço para reunir o maior conjunto documental possível e, na outra ponta, como tornar conhecida por todo o público essa riqueza. Simultaneamente a essas duas tarefas, não se pode descuidar da preservação.

O acervo do museu dialoga com o público através das exposições, ocasião em que seus técnicos constroem uma narrativa, contam uma história que é apresentada aos visitantes. Outra modalidade dessa interlocução se efetiva quando o museu ultrapassa suas paredes e vai “conversar” em outros ambientes, em outros sítios, através de outros suportes.

Na busca desses outros espaços, desde maio de 2021, ocasião em que o museu completava 60 anos de fundação, inicia-se uma nova série de colunas semanais, uma nova oportunidade de interação com um público mais amplo.

Essa reiterada experiência de trabalho conjunto - museu e Jornal da Manhã - transforma-se ela mesma em

documentação, agora incorporada ao acervo do museu. A leitura dessas e de outras colunas que o museu produziu e o JM publicou transforma-se em uma perspectiva temporal mais alongada, elas mesmas em documentos históricos, testemunhos de um tempo e de uma dinâmica social específica.

Por mais curioso que possa parecer, apesar de estarmos imersos no mundo digital, nas mídias sociais, a velha e boa imprensa (criada por Gutemberg há 500 anos) continua ativa, preservando em suporte físico a nossa história. Estamos diante de escolhas entre o rápido, o instantâneo e muitas vezes efêmero, e o duradouro e, por certo, mais lento.

É exatamente no confluir dessas possibilidades distintas, mas não antagônicas, que o museu e o JM transitam em frutífera parceria. As colunas impressas no suporte físico do jornal também encontram-se organizadas e disponíveis em meio digital. As linguagens podem mudar (precisam mudar), mas a memória perdura, precisa ser preservada. Este desafio foi compreendido pelo Jornal da Manhã desde sempre.



# Apresentação

Em 2023 estamos comemorando 50 anos do Jornal da Manhã de Ijuí! 50 anos de jornalismo não é pouca coisa! Merece ser comemorado!

Manter-se vivo e atual em uma era da tecnologia e da linguagem virtual, é uma tarefa e tanto para quem trabalha com a comunicação por meio do material físico e impresso. Por isso, ressaltamos a importância do Jornal da Manhã que exerce o jornalismo e cumpre sua função social de difundir os fatos com excelência, o que merece ser celebrado, com certeza.

O Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp) tem o privilégio em acolher, preservar, salvaguardar a história do Jornal da Manhã (JM) e, este, por sua vez, possibilita que o Museu tenha um lugar para divulgar acontecimentos de preservação da memória da história da nossa comunidade na coluna semanal “Nossa história, nossa memória” e, também, possibilita a divulgação das ações e processos do Museu Antropológico Diretor Pestana, mantendo as pessoas informadas sobre o que acontece por aqui.

Os artigos são compostos a partir de pesquisas realizadas no Madp, objetivando compartilhar com a comunidade aquilo que se preserva e as atividades que ocorrem no espaço museológico. Também são ressaltadas diversas autorias, em forma de parceria, que auxiliaram na composição desse material, mostrando que o Museu é um espaço de todos, tanto para pesquisar e gerar novas pesquisas, além da visualização da importância do Museu para a cidade e para cada cidadão, possibilitando a difusão de culturas na sua diversidade e singularidade.

Em homenagem à toda equipe do Jornal da Manhã, pela história que vem sendo construída, a equipe do Madp materializou a memória como uma publicação enfatizando o quanto este meio de comunicação auxilia na construção de um trabalho museológico, possibilitando a pesquisa e difusão como processos que legitimam a importância da cultura, educação e sociedade.

Reconhecer a relevância do Jornal da Manhã, também é reconhecer que este veículo não se limita apenas como um meio de informação cotidiana, mas também como um artefato cultural que faz parte da memória coletiva.

Preservar essa memória registrada também é preservar importantes fontes de informações e socialização de fatos e acontecimentos relevantes para a sociedade. Os jornais capturam eventos que refletem o contexto social, político e cultural de uma determinada época e que quando preservados ajudam a testemunhar a história.

Boa leitura!





## Jornal da Manhã 50 anos em 2023

Texto por Fabricio de Souza, colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana e mestrando em Patrimônio Cultural - UFMS.

Publicado em 05 de janeiro de 2023.

A celebração da memória do Jornal não poderia passar em branco nesta coluna, visto que, neste ano, o importante veículo de informação local completa 50 anos de fundação em Ijuí. O Correio Serrano, outro meio de comunicação importante no período em que circulava localmente, informava, no dia 01 de maio de 1973, a seguinte notícia: “Novo Jornal em Ijuí”, relatando que às 11h da manhã do dia citado, na sua sede própria localizada na Rua Alagoas, 454, estava circulando o primeiro número do Jornal da Manhã, este um novo órgão da imprensa na cidade de Ijuí com o objetivo de também servir à comunidade regional. O Jornal da Manhã circulava anteriormente em Santo Ângelo e teve suas máquinas adquiridas por um grupo de ijuienses, integrados na firma Sentinela S. A. - Gráfica e Editora Jornalística, o mesmo grupo que também fez circular “O Sentinela”.

A edição do Jornal da Manhã do dia 02 de maio de 1973, data em que o Jornal já circulava na cidade, informava sobre o evento de inauguração e de lançamento, descrevendo como aconteceu a solenidade. Nesse evento, que contou com a presença de várias autoridades e membros da comunidade, os convidados tiveram a oportunidade de prestigiar de perto uma demonstração da máquina impressora offset, equipamento que se destina ao atendimento de grandes demandas de impressão.

A relação do Jornal da Manhã com o Museu Antropológico Diretor Pestana é mais estreita do que se imagina. No MADP encontram-se preservadas documentações referentes a esta imprensa, em uma coleção de documentos iconográficos (fotografias), com o volume de mais de 100.000 registros nos suportes negativos flexíveis (NOF) e fotografias em papel (FO). A doação destes registros visuais aconteceu em 25 de abril de 2000, referente às imagens produzidas para a publicação das edições do Jornal da Manhã desde a década de 1980. De toda

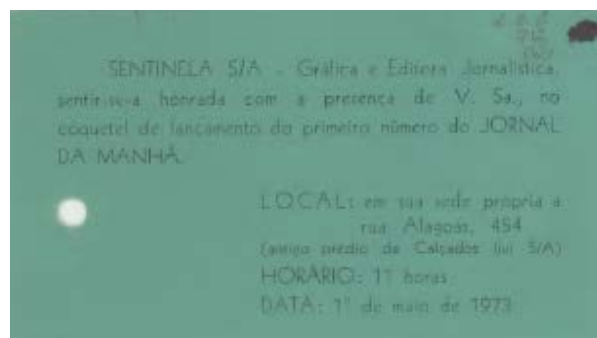
a documentação citada, cerca de 4.000 fotografias foram descritas para pesquisa, e parte dela encontra-se em tratamento: higienização; acondicionamento; descrição e registro.

No Museu, dentro dos mais de 40 títulos reunidos no conjunto da hemeroteca, está a guarda das edições do Jornal da Manhã, desde as suas primeiras circulações até as atuais. No presente, o Museu recebe diariamente as publicações, sendo encaminhadas para a divisão de guarda responsável para o processamento devido, tudo visando a preservação para manter estes registros documentais como importantes objetos de pesquisa e reflexão.

Outra relação que se materializa por meio dessa parceria é a coluna “Nossa história, nossa memória”, ação tida como um importante passo para a difusão da memória local e regional.



Demonstração da offset identificada na solenidade como “a moderna impressora”. Imagem extraída da segunda edição do Jornal da Manhã, 02 de maio de 1973.



Convite coquetel de lançamento primeiro número do Jornal da Manhã. Documento preservado no Museu.

## **Nos bastidores do Museu: o processo de aquisição**

*Texto por Aline Mota, museóloga do  
Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 26 de janeiro de 2023.*

É sabido que os museus, assim como qualquer instituição cultural, guardam em seus bastidores as mais diferentes histórias e riquezas culturais. Entretanto, se diferenciam na medida em que trabalham diretamente com o compromisso de salvaguardar a memória de um povo.

Apesar de também conter um caráter expositivo, de apreciação, emoção e encanto, diferentemente de um teatro, jardim botânico ou centro cultural, os museus desenvolvem em seus bastidores, ou como chamamos do lado de cá, “Reservas Técnicas e Núcleos Administrativos”, processos específicos que não são encontrados fora dos museus. Aqui falaremos um pouco mais sobre eles nas próximas semanas, iniciando pelo processo de aquisição.

O Museu Antropológico Diretor Pestana, ao longo dos dois últimos anos, tem desenvolvido um minucioso trabalho de requalificação de sua Reserva Técnica, possibilitado através do projeto “Plano Plurianual de Atividades: Documentação Museológica e Manutenção do Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana”, aprovado pelo Ministério da Cidadania, PRONAC 192683. Este possibilita, dentre outras ações, que o banco de informações de cada um dos quase 30 mil objetos do acervo do museu seja revisitado.

Dentro da lógica museal, a aquisição é o processo primeiro da construção e manutenção do acervo do museu. É o momento que definirá os processos posteriores dentro dos bastidores.

Quando um membro da comunidade entra em contato com o museu na intenção de doar um objeto, a equipe aciona seus protocolos de aquisição, que visam analisar sua representação da trajetória, história e cultura da cidade e região, bem como visa garantir que o máximo de informações sobre aquele objeto seja devidamente registrado. Informações como o histórico do objeto, seu doador, contexto de uso

e importância para a família e para a comunidade em geral são colhidas. Para cada objeto doado é gerada uma Carta de Doação devidamente registrada e assinada por ambas as partes. Todo este conjunto de dados gerados vão integrar a chamada Ficha de Registro, que acompanha cada um dos objetos do acervo.

Estas fichas fazem parte do coração da Reserva Técnica, ou seja, dos bastidores do museu, porque é através delas que conseguimos organizar e colocar em contexto os preciosos objetos confiados a nós pelos membros da comunidade.

Dentro do Museu todas as áreas e processos estão intimamente conectados. Pessoas e projetos atuam todos os dias em nossos bastidores para que possamos cumprir nossa missão social e ser cada vez mais um espaço gerador de conhecimentos, emoções e reflexões.



*Entrada de objeto no acervo do Museu.  
Registro para a Exposição Trabalho Invisível.  
Cleon Frota, 2022.*

## Nos bastidores do Museu: o processo de salvaguarda

*Texto por Aline Mota, museóloga do  
Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 26 de janeiro de 2023.*

Quando pensamos em museu, muitas palavras vêm à mente. É claro que estas palavras variam conforme a pessoa que as pensa, através de suas próprias “lentes”. Entretanto, algumas delas são recorrentes, geralmente ligadas à imagem de grandes exposições. De imediato, imaginam-se espaços abertos e bem iluminados, no qual se exibem suntuosas cerâmicas, quadros, ossos de dinossauros e objetos de toda sorte, testemunhos de um passado longínquo e curioso. Ou, simplesmente, se resume a palavras como “coisa velha”.

As exposições compreendem somente uma parte dos processos que se desenvolvem no interior de um museu. Para que estas sejam montadas, é necessário que um amplo processo de salvaguarda tenha sido realizado anteriormente.

Mas o que seria, exatamente, isso de Salvaguarda?

Dentro do mundo dos museus, utilizamos muito essa palavra. Ela nada mais é do que um conceito que diz respeito a um conjunto de ações e metodologias que são utilizadas dentro dos “bastidores” do museu, compreendido por sua Reserva Técnica e Núcleos Administrativos. O processo de salvaguarda desenvolve ações de conservação preventiva dos objetos do acervo, de documentação e também de restauração.

Atualmente em andamento, o “Plano Plurianual de Atividades: Documentação Museológica e Manutenção do Acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana”, aprovado pelo Ministério da Cidadania, PRONAC 192683, tem possibilitado um fortalecimento das ações de salvaguarda, por meio do Inventário das coleções, revitalização dos espaços da Reserva Técnica, aquisição de ferramentas de trabalho e ações de divulgação das atividades desenvolvidas.

Objeto por objeto, os aproximadamente 30 mil itens que integram as coleções do museu são

higienizados, fotografados, tem conferidas suas localizações, embalagens de armazenamento e dados das Fichas de Registro. Ao longo de seus 60 anos de construção, estas fichas foram geradas em suporte de papel. Atualmente, todas estão sendo digitadas de modo a informatizar o acervo.

O trabalho de salvaguarda desenvolvido pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, principalmente no que diz respeito às ações desenvolvidas atualmente no processo de inventário, são extensas e feitas a várias mãos, em um verdadeiro “trabalho de formiguinha”.

Entretanto, todas estas ações são extremamente necessárias para que nosso museu tenha coleções saudáveis, pesquisas e exposições dinâmicas, em sintonia com os desdobramentos sociais contemporâneos. Afinal, o que é um museu senão um refúgio para a expressão da memória e identidade de um povo, em todas as suas possibilidades de questionamentos, reflexão e construção coletiva do conhecimento?



*Espaços de guarda de acervos do Museu. Registro para a Exposição Trabalho Invisível. Cleon Frota, 2022.*



## **Nos bastidores do Museu: o processo de aquisição**

*Texto por Aline Mota, museóloga do  
Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 26 de janeiro de 2023.*

Quando guardamos determinado objeto no interior de um museu, tratamos de mantê-lo seguro e em bom estado de conservação. Desenvolvemos técnicas para manter sua integridade física e metodologias para melhor fazer a gestão desse objeto. Desde o momento da sua entrada no museu, todos estes processos têm por principal finalidade a externalização dos conhecimentos desenvolvidos através daquele objeto, para que haja sua efetiva comunicação “extramuros”.

Quando recebemos um objeto, não estamos somente interessados em sua materialidade, ou seja, se aos olhos de determinado parâmetro ele é bonito, se tem cores ou formas interessantes. Cada um dos objetos que compõem o acervo de um museu fazem parte de um todo. São como pequenas faixas de tecido que, quando costuradas lado a lado, formam uma imensa colcha de retalhos. Essa colcha tem as cores e formas dos povos cuja memória se busca preservar a muito custo.

O trabalho de salvaguarda empreendido dentro dos museus não é fácil, uma vez que a própria cultura é fluida, nunca estática no tempo.

Para que existam exposições de longa duração e exposições temporárias relevantes, instigantes e com potencial educativo, é necessário um amplo trabalho em seus bastidores. Você sabia que, se olhar atentamente os objetos em exposição, poderá encontrar um pequeno e discreto número de registro escrito à caneta de bico de pena nanquim? Este é apenas um dos reflexos dos trabalhos de bastidor visíveis aos olhos do público, uma vez que todos os seus processos estão conectados.

É verdade que as exposições museológicas são o ápice da comunicação direta com o público, pois é através delas que apresentamos histórias, narrativas e pontos de vista diferentes aos visitantes. Entretanto, a comunicação se dá através

de diferentes ações. Rotineiramente, mantemos um intenso trabalho de construção de atividades educativas em parceria com escolas da cidade, promovemos cine debates, lançamento de livros, construímos jogos educativos para o meio físico e virtual, exposições temporárias com artistas locais e estudantes universitários. Trabalhamos em parceria com entidades culturais da cidade e região, além de participarmos de conselhos municipais relativos à cultura e turismo. Recebemos pesquisadores de todas as localidades, inclusive estrangeiros.

Devido a todas estas possibilidades de troca e construção coletiva de conhecimento, é que entendemos o Museu Antropológico Diretor Pestana como um lugar de grande importância para a manutenção da memória e identidade regional, estando diariamente na luta por manter viva a cultura dos povos que coexistem nessas terras.



*Divulgação de acervos do Museu. Registro para a Exposição Trabalho Invisível. Cleon Frota, 2022.*

## O Teatro Ijuicense

*Texto por Diego Verri, pesquisador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Conteúdo produzido e publicado em 2009 e republicado em  
02 de fevereiro de 2023.*

A arte teatral está presente nas sociedades desde os gregos, quando surge de forma ritualística em honra ao Deus Dionísio. Todos os anos, multidões se reuniam em honra ao deus do vinho, do teatro e da orgia. As celebrações duravam seis dias, e canções, vinho, procissões, danças, hinos e encenações eram praticados. É em um ambiente com ar de festa que surge a arte de representar.

Criar uma companhia de teatro requer antes de tudo muita perseverança e dedicação. Em Ijuí temos muitos grupos de teatro, escolares ou amadores. Um dos primeiros grupos de teatro de Ijuí foi o “Lobo da Costa” que encenou, em 1925, “Os Dois Sargentos”, espetáculo com figurino simples, mas com um grande número de atores no palco. Os atores desta peça foram: Ernani Haas, Dorval Fonseca, Luis Lucchese, Antenor Panichi, Maria Salgado, Alfredo Hickembick, Jango Gomes, Cecília Marin, Luiz Guterrez, Amauri Ilgenfritz, José Wickert e quatro soldados da guarnição local. *(da esquerda para a direita na foto).*

O Grupo de Teatro da Unijuí (GTU) foi criado em 1998, pelo professor

Alberto Rodrigues. Neste ano, Rodrigues trabalhava no curso de artes da Unijuí, com o Componente Curricular Expressão Corporal, e no final deste, por insistência dos alunos, foi criado o GTU. Em sua trajetória conquistou muitos prêmios, com textos clássicos como o “Auto da Compadecida” ou o crítico “O Inspetor Geral”, tudo fruto de muito trabalho das pessoas que no decorrer de 11 anos passaram pelo grupo. O primeiro espetáculo montado foi “O Alienista”, de Machado de Assis, uma adaptação do próprio diretor, no qual a saga dos habitantes de Itaguaí era encenada com ar de comédia. O Grupo de Teatro da Unijuí faz parte da identidade de Ijuí, cidade que o grupo representa por todo o país, levando um pouco da perseverança e garra de um dos grupos mais renomados do Estado.



*Teatro “Os Dois Sargentos” encenado pelo Grupo Lobo da Costa em 1925. Acervo do Madp.*

## Geiss

*Texto por Tais dos Santos Lopes,*

*pesquisadora no Museu Antropológico Diretor Pestana.*

*Conteúdo produzido e publicado em 2011 e republicado em 09 de fevereiro de 2023.*

Nos anos de 1913 a 1933 na Vila Ijuhy existiram três curtumes, indústrias que beneficiavam o couro animal para o aproveitamento na fabricação de calçados: chinelos, sapatos, sandálias, roupas, cintos e outros. O couro também era vendido para sapatarias de todo Estado.

Esta atividade industrial foi muito importante para o desenvolvimento da Vila, pois movimentou a economia local. Adquiria o couro in natura em matadouros, açougues e no frigorífico; abriu lojas para comercialização e empregou milhares de pessoas. Nestas empresas, destacaram-se as famílias alemãs Jost, Gressler e Geiss com técnicas trazidas de sua terra natal. O beneficiamento acontecia de forma tradicional: em tanques de salga, depilação, imersão em cal, acidificação e o curtimento em si, com minerais como o cromo e o alumínio ou vegetais ricos em tanino, como casca de angico, barbatimão, castanheira, etc.

A trajetória da empresa de Gustavo Geiss é o exemplo típico da evolução de uma empresa familiar. Ele chega à Ijuhy em 1907 produzindo celas de forma artesanal, instala sua selaria e um curtume simples na Vila. Na década de 1920 mecaniza a empresa com máquinas importadas da Alemanha. Seu filho

Guilherme, no final da década de 30, volta da Europa após viagens de estudos e passa a trabalhar na empresa. Em 1937, Walter Geiss, também um antigo seleiro, com seu sobrinho Edgar fundam uma firma de fabricação de sapatos e artefatos de couro.

Em 1940 as empresas são reunidas. O primitivo curtume/selaria entra na segunda metade do século como Indústria de Calçados Geiss. S.A. Em sua trajetória, contou com dois mil funcionários, aproximadamente. Atingiu ápices de produção exportando seus calçados para cidades do Paraguai como Pedro Juan Caballero, e para a Bolívia.

Geiss declarou, na época que a indústria, mantidas as devidas proporções, era uma das mais bem equipadas do Estado, fator que, dali para diante, deveria ter decisiva influência na expansão e na comercialização de seus calçados. Entretanto, sofria com a falta de capital de giro e crédito, tendo enormes dificuldades para pagar os funcionários, também assolava a economia local as crises internacionais e a acirrada concorrência. Somando-se a isto, um violento incêndio destruiu toda fábrica de calçados em 1984. Dias depois foi declarada sua falência. Sendo mais uma, dentre as tradicionais empresas ijuenses que foram atingidas pela crise.



*Curtume Geiss e Cia,  
R. Coronel Dico – Ijuí,  
1960. Acervo Museu  
Antropológico Diretor  
Pestana.*



## Design e materialidade: embalagens no Madp

*Texto por Fabricio de Souza, designer e colaborador do Madp.*

*Publicado em 16 de fevereiro de 2023.*

Em um primeiro tempo, as embalagens possuíam ligação com materiais que eram utilizados na natureza, com a finalidade de apenas embrulhar e acondicionar. Por meio deste contexto a origem antropológica e sociológica nos primórdios da civilização humana são reforçadas, pois deriva-se da necessidade básica do ser humano de se alimentar e de buscar formas de guardar e conservar seu alimento de modo mais durável.

No Brasil, o contexto da história da embalagem passa a ser modificado a partir da abertura dos portos com a vinda de João IV em 1808, modificando a economia, a cultura e as políticas brasileiras. Se tem uma demanda maior de produtos, logo se necessita de embalagens para essa comercialização. Dos antigos invólucros começam a se configurar novas formas, agora também passando a ser ligadas ao consumo e ao mercado, acompanhando também estes aspectos de mudanças através de descobertas de diferentes materiais e variados processos que culminam em produtos a serem embalados.

Nas primeiras décadas do século XX a produção era pouco sofisticada e nesta época ainda não se contempla a produção seriada, os produtos eram transportados em barris ou sacos de estopa; posteriormente, eram pesados nas quantidades solicitadas pelos compradores e, em sacos menores, eram levados para casa.

É na segunda metade do século XX, por meio da evolução tecnológica de uma indústria que buscava agregar valor ao produto a partir da embalagem. Novas técnicas e materiais seriam desenvolvidos para conservar melhor os produtos e aumentar a sua vida útil nas prateleiras. Com a chegada dos supermercados, o consumidor passou a ter a autonomia na decisão de compra, já que os espaços se caracterizam através do autoatendimento. As embalagens saem do fundo dos balcões de vendas e se destacam nas prateleiras dos estabelecimentos comerciais. Para

que isso ocorra as embalagens precisavam se apresentar de forma mais atrativa e competitiva, desenvolvendo visuais cada vez mais elaborados e diferenciados para que pudessem cumprir o seu objetivo de informar e vender.



*Origem das embalagens expressada pela funcionalidade de acondicionar e conservar a partir da necessidade básica do ser humano.*



*Embalagens nas primeiras décadas do século passado.*



*Autosserviço das embalagens.*

## Extensão Universitária

*Texto por Cristina Strohschoen, Especialista em Gestão Universitária e Arquivista.*

*Conteúdo produzido e publicado em 2009 e republicado em 23 de fevereiro de 2023.*

A extensão universitária sempre permeou as ações da Fidene. Da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), em 1957, até o ano de 1984, com os Centros Integrados de Ensino Superior de Ijuí, foram expedidos certificados de 575 cursos de extensão sobre os mais diversos temas, abrangendo o Estado do Rio Grande do Sul, e inclusive alguns municípios de Santa Catarina, Paraná, e Espírito Santo.

Os temas mais procurados eram: Curso de Corte e Costura (53 edições de 1965 a 1983, culminando na década de 70); Curso de Relações Familiares e Humanas (22 edições na década de 60); Curso de Arte Culinária (13 edições na década 60) e Curso de Ensino de Ciências e Matemática (66 edições de 1979 à década de 80).

O Curso de Introdução ao Mundo Moderno foi mais um deles. A primeira edição foi ministrada em abril de 1965, numa iniciativa do Instituto de Educação de Base (IEB) do Departamento de Ciências Sociais da FAFI. Foram realizadas 37 edições do mesmo, de 1965 a 1973. Na década de 70, várias edições foram ministradas em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, na linha

ideológica dos Cursos de Formação de Líderes Rurais.

Os objetivos destas edições eram conscientizar o agricultor sobre a dignidade da pessoa humana e sua responsabilidade na construção do mundo; fazer o agricultor descobrir seu papel e sua força para a superação de situações e solução de problemas; localizar o agricultor dentro da problemática rural e fornecer noções sobre processos sociais.

As aulas eram realizadas na Sede Acadêmica da Fidene, as refeições no Restaurante Universitário e o alojamento no Seminário São Geraldo – os agricultores passavam três dias refletindo sobre si mesmos.

O IEB preocupava-se em realizar a educação de adultos por meio de cursos intensivos, cursos populares, seminários, encontros, palestras e debates, dentro da dinâmica do Movimento Comunitário de Base de Ijuí. O MCBI foi implantado no início da década de 60 e, segundo Frantz (2001), “constituiu-se, na sua essência, em uma reação pela organização, transformando-se em uma experiência histórica importante de educação não-formal na região”.



*Participantes do Curso de Introdução ao Mundo Moderno em junho de 1965. Arquivo Fidene.*



## Meios de comunicação: o telefone

*Texto por Fabricio de Souza, designer e colaborador  
do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 02 de março de 2023.*

No início da colonização de Ijuí, as dificuldades de comunicação eram enormes e preocupação constante da administração da Colônia. Aos poucos foi montada uma rede de comunicação que atendesse às necessidades. Em 1902, inaugura-se a Estação de Telégrafo, o relatório municipal de 1912 menciona a existência de 23 aparelhos telefônicos sob responsabilidade de uma firma particular que mantinha o serviço já há alguns anos.

Dentro desse aspecto da comunicação, no presente mês de março comemora-se o Dia do Telefone, dia em que a invenção foi patenteada pelo seu desenvolvedor Alexander Graham Bell, em 10 de março de 1876.

Nessa data, Alexander Graham Bell (1847 – 1922) realiza a primeira transmissão oficial de uma comunicação via telefone.

Confira alguns acervos que remetem diretamente a esse equipamento.

Logo abaixo, na imagem, podemos ver o primeiro item, posicionado à esquerda, o telefone standart de disco da década de 80 e pertencia à FIDENE.

O telefone do centro é um telefone de campanha, este equipamento de telecomunicação é proveniente da década de 40.

Já o telefone posicionado do lado direito é o NOKIA 6110. Para quem não lembra, ele foi lançado na década de 90, sendo o primeiro da Nokia com o popular jogo snake pré-instalado. Com o passar dos anos, esse telefone ganhou fama de “indestrutível”.

Estes materiais estão disponíveis para visualização na Exposição de Longa Duração e também acondicionados em espaços de guarda para pesquisa.



*Tipologias de telefones  
preservados pelo  
Museu.*

## Quem são as mulheres que nomeiam os espaços públicos da cidade de Ijuí?

Texto por Ana Laura Arnhold, doutoranda em Educação nas Ciências Unijuí.  
Publicado em 09 de março de 2023.

A partir da exposição “As mulheres que estão no mapa”, baseada em um levantamento dos registros das mulheres que nomeiam as ruas da cidade de Ijuí, decidiu-se expandir a pesquisa iniciada pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, a fim de verificar os registros, histórias e memórias das mulheres que nomeiam outros espaços públicos, como bairros, escolas, praças e monumentos. Essa pesquisa será conduzida durante meu processo de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ), objetivando identificar quais são os determinantes que implicam na escolha de alguns sujeitos para que tenham seus nomes eternizados em espaços públicos. Sabe-se, de antemão, que há muito mais nomes de homens do que de mulheres ocupando esses espaços, o que possibilita pensar nas dinâmicas de poder aplicadas às relações de gênero.

O principal desafio dessa pesquisa de Tese é a escassez de registros documentais sobre as mulheres que nomeiam os espaços públicos de Ijuí em relação aos registros sobre os homens. Além da discrepância no número de homens e mulheres na nomeação desses

espaços, há menos informações acerca das mulheres, principalmente sobre as ocupações que elas mantiveram em vida. Sabe-se que, baseado na exposição, grande parte das mulheres homenageadas com nomes de ruas na cidade de Ijuí eram professoras, médicas, figuras políticas, ou mães e esposas de homens considerados importantes para a sociedade.

A pesquisa também buscará compreender a importância historiográfica e pedagógica da produção e conservação das memórias sobre as mulheres da nossa cidade, além de problematizar e compreender os aspectos que definem quais pessoas podem ou não ser eternizadas como nomes em espaços públicos.



Grupo de professoras  
Ruizinho. Coleção  
Família Beck, Madp.

## O ambiente nos últimos 50 anos em Ijuí (e no mundo!)

Texto por Francesca Werner Ferreira, doutora em Zootecnia e Presidente da AIPAN.

Publicado em 16 de março de 2023.

Nos últimos anos temos visto muito as manchetes: “enchentes, deslizamentos, desabrigados, zonas de risco ambiental etc” além de “estiagem, seca, falta de água e racionamento”, ou ainda, “pulverização aérea de agrotóxicos atinge famílias, ou escolas...” e mais “desmatamento recorde, queimadas, poluição...”. Todos os estudos científicos mostram que a humanidade avança para além do “orçamento” em recursos naturais, desde a década de 1970. A cada ano, entramos no vermelho e usamos o “cheque especial” do planeta. Nossa dívida ecológica, tem juros altíssimos: escassez de alimentos, falta de chuvas em alguns lugares e excesso em outros, erosão do solo, acúmulo de CO2 na atmosfera, poluição do ar, água e solo – e toda essa dinâmica traz custos humanos e monetários devastadores.

Uma rápida pesquisa, nas manchetes em jornais e revistas de 50 anos atrás, nos mostra: “Flores, bichos, passarinhos: Fogo!” ou “As consequências da destruição – nossos cientistas já prevêem até a data para o fim da vida” (Revista Realidade, nº77, agosto 1972) e por aqui, no jornal de Ijuí, tínhamos as seguintes notícias “Riacho envenenado mata peixes e faz adoecer o gado” (Correio Serrano, 5 jan. 1974) e “DDT impregna corpo de muitos brasileiros” (Correio Serrano, 4 jun. 1974). Como podemos ver, parece que as coisas não mudaram, porém temos uma legislação ainda considerada avançada

e agregado a isso e também uma notícia importante, daquela época, colocava que “AIPAN aprovou estatutos e elegeu diretoria” (Correio Serrano, 20 abr. 1974).

A AIPAN – Associação Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural foi fundada em 27 de novembro de 1973, em meio àquelas manchetes, a partir da liderança do S. Ludwig Reichardt Filho - um “amante das coisas da natureza e preocupado com o problema da poluição ambiental em suas diversas formas”, em parceria com outros cidadãos ijuenses. Nestes 50 anos, a Aipan realizou diversas atividades, sendo que, nos últimos 20 anos, constituiu-se como um espaço permanente de educação socioambiental, ultrapassando as fronteiras municipais, como Ponto de Cultura, como coletivo transformador para que tenhamos um futuro saudável, seguro e sustentável.

Neste ano, realizaremos uma intensa programação, as nossas atividades serão todas alusivas ao nosso aniversário, chamando a atenção para as nossas parcerias com as mais diversas entidades e pessoas, de Ijuí e da região. Ponto de cultura socioambiental, exposições de obras de artistas locais, jardins e hortas comunitárias, artesanato, cozinhando com PANC, batalhas de hip-hop, permacultura, dentre muitas outras. Aguarde!

**Fundador**  
Mr. Roberto Láz

**Correio Serrano**

PUBLICA-SE  
terças-feiras  
quintas-feiras  
e aos sábados  
- o  
Cr\$ 0,50

Ano LVIII 98700 — I J U Í - R S — Sábado, 20 de abril de 1974 Número 47

### AIPAN aprovou estatutos e elegeu diretoria

Na noite de quinta-feira, concretizando a ideia de alguns naturalistas de nossa cidade que, há algum tempo lançaram a ideia de fundar uma entidade que procurasse zelar pela natureza, realizou-se na sede da Consultoria Planalto, a assembleia Geral de Constituição da AIPAN (Associação Ijuense de Proteção ao Ambiente Natural). Nesta reunião, além da aprovação dos estatutos que regerão a novel instituição, houve também a eleição da diretoria e do conselho fiscal, constituídos da seguinte forma: presidente - Ludwig Reichardt Filho; vice-presidente - Bruno Michael-

sen; 1.º secretário - Paulo Schneider; 2.º secretário - Edu Carlan; 1.º tesoureiro, Herbert Zöllner; e 2.º tesoureiro - Eduardo Leo Knebel. No conselho fiscal figuram, como efetivos Eugênio Michaelsen, Oriz Iboti Schroer e Arno Schneider, como suplentes Renato Borges de Medeiros, Carlos A. S. Costa e Augusto José Krüger.

Conforme indicação da diretoria, nas próximas reuniões será indicado o Conselho Técnico que deverá ser coordenado pelo sr. Adraldo Hartmann, incluindo o assessoramento em assuntos técnicos.

Um das deliberações aprovadas pelas assembleias da COOTRIJUI, realizada na tarde da última quinta-feira 10 recente da Igreja São Cordeiro, foi a modificação do estatuto, dando poderes à diretoria para operar com um Departamento de Armazéns Gerais.

Na mesma oportunidade, foram aprovados o relatório da diretoria, balanço desestrutural de ativos e passivos e o parecer do Conselho Fiscal, tendo o exercício encerrado a 28 de fevereiro que passou.

A assembleia também renovou o Conselho Fiscal e respectivos suplentes, uma vez que estava extinto o período dos membros que foram sucedidos. Os eleitos para o Conselho Fiscal, empossados na mesma oportunidade foram, titulares: Herbert Hiltz, Alfredo Schmidt

seguiu, por determinação do projeto presidente, foi lido o balanço de resultados do exercício pelo contador, economista Oswaldo Meola, que também foi aprovado pela totalidade dos associados presentes à assembleia. Outras questões constantes da ordem do dia da assembleia geral ordinária, aprovadas, foram a destinação dos sobras do exercício; realização da aquisição de imóveis e transformação estatutária para operar com armazéns gerais.

Para a eleição dos membros do novo Conselho Fiscal, assumiu a presidência dos trabalhos o associado sr. José Alarcão Blum, por indicação da assembleia.

Representou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma

berto Edo, Anairly Markes, Carlos Rizzato Sperotto, Carlos Krüger, Dalvina Sperotto e Retribido Luis Kowonen. Os conselheiros suplentes: Alfredo Dronayer, Elides José Salomoni, Huro Lino Costa Baber, Luiz Carlos Kurts, Renaldo Fontana e Zeno Pianto e os membros do conselho fiscal e suplentes: sr. Benedito Grunz, Herbert Hiltz, Pedro Blumwilo, Alfredo Schmidt, Nery Francisco e Oreglio Roth.

Apesar das obras que continuam durante toda a tarde de quinta-feira, compareceram cerca de 200 associados votantes, o que demonstrou o interesse do quadro social pelas decisões a serem tomadas na oportunidade.

No final das assembleias a COOTRIJUI aderiu uma obra

### COOTRIJUI vai criar departamento para operar com armazéns gerais

Correio Serrano, 20 de abril de 1974.



## 66 anos de Ensino Superior em Ijuí

*Texto por colaboradores do Museu.*

*Publicado em 23 de março de 2023.*

Neste mês, comemoramos 66 anos de ensino superior em Ijuí e constatamos que as histórias da instituição e da comunidade do Noroeste do Estado se misturam.

Tudo teve início no dia 16 de março de 1957, quando foi instalada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - FAFI, criada e mantida pela Sociedade Literária São Boaventura, entidade jurídica civil da Ordem dos Frades Menores Franciscanos (capuchinhos). A instituição foi pioneira de ensino superior na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Nasceu com a marca da participação comunitária, aberta ao intercâmbio cultural e comprometida com as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão. Iniciou suas atividades com os cursos de Filosofia e de Pedagogia.

Pouco mais de doze anos depois, no dia 07 de julho de 1969, com a transformação da Faculdade de Filosofia em Fundação, surgiu a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - FIDENE, como entidade mantenedora. A FIDENE foi a instituição legítima que a cidade de Ijuí recebeu para proporcionar o desenvolvimento regional, primando pela seriedade no trabalho e eficiência na ação.

No dia 21 de outubro de 1985, foi oficializada a instalação e o reconhecimento da UNIJUÍ como Universidade. Surgiu em decorrência do trabalho e empenho de várias pessoas que almejavam a concretização e realização de um sonho. Em 1993, com a regionalização passou a ser denominada Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS. A UNIJUÍ cresceu e hoje é considerada uma das melhores universidades do estado, oferecendo cursos nas mais diversas áreas do saber.

Foram 66 anos de desafios, conquistas e histórias. Nossa Instituição cresceu e tornou-se motivo de orgulho para toda a comunidade.

O Museu Antropológico Diretor Pestana é responsável, entre outras coisas, pela salvaguarda do Arquivo FIDENE, local que preserva a história/memória da FIDENE. Toda a documentação, desde a instalação da FAFI, em 1957, a constituição da FIDENE em 1969, o reconhecimento da UNIJUÍ em 1985, até a regionalização desta, em 1993, estão disponíveis para pesquisa no Museu.



*Lançamento Pedra Fundamental da FAFI, 1958.*

## As maquetes do Vô Monjolo e o processo artesanal de produção da erva-mate

Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.

Publicado em 30 de março de 2023.

O processo de produção da erva-mate em Ijuí foi a inspiração para o artesão ijuiense Osvaldo Martins dos Santos (Vô Monjolo) fabricar maquetes reproduzindo o processo.

Inicialmente, quando Osvaldo tinha as maquetes em sua casa no Bairro Osvaldo Aranha, percorria as escolas dos arredores mostrando o seu trabalho e dando seu depoimento de vida sobre os diversos processos produtivos artesanais da Ijuí pré-industrialização: serrarias, carpintarias, monjolos, pilões e carijos foram reproduzidos pelas engenhosas mãos do artesão.

Em 2005, por insistência dos filhos, mudou-se de Ijuí, doando as maquetes ao Museu.

Conheça os processos de transformação até o produto final que também são representados por meio das maquetes presentes na Exposição de Longa Duração.

**SAPECO MANUAL** - Após o corte dos ramos da erva-mate, estes são passados rapidamente pelas labaredas de uma fogueira feita no local. A finalidade desta operação é a de abrir os vasos da folha através de uma intensa sudação, provocando uma desidratação mais rápida.

**CARIJO** - Método primário, artesanal, de torrefação, usando o calor direto de uma fogueira, até as folhas se tornarem crespas e quebradiças, através de uma intensa sudação. Esta operação em condições normais dura aproximadamente 7 horas.

**BARBAQUÁ** - Preenche a mesma finalidade do carijo. O calor de uma fogueira é levado através de um conduto até o local (quarto), onde se encontram os ramos depositados. Esta operação varia de 14 a 16 horas para completar a torrefação.

**CANCHEAMENTO** - É a trituração de folhas e caules na cancha. Esta operação, primitivamente, era feita sobre um carnal

de couro cru, onde os ramos vindo do carijo eram golpeados com um facão de madeira. Posteriormente, os cancheadores passaram a ser movidos por tração animal.

**TRITURAÇÃO DA ERVA** - a última etapa da produção é o soque que podia ser feito de três maneiras:

**PILÃO** - usado para pequenas quantidades.

**MONJOLO** - feito de madeira, composto de nove peças: morto, virgem, eixo, haste ou manjara, cocho, duas mãos de pilão, pilão e bica. Movido à água.

**SOQUE** - usado na produção em larga escala, com várias mãos de pilão, movido com roda d'água ou motor.



Maquetes Exposição de Longa Duração que demonstram os diversos processos da produção artesanal da erva-mate.

## **Panorama da Indústria de Ijuí no Século XX: Década de 1920 e 1930**

*Texto por Fabricio de Souza, designer e  
colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 06 de abril de 2023.*

Com a inauguração da viação férrea em Ijuí no ano de 1911, podemos considerar que a mesma auxiliou na movimentação e expansão da local. Grandes estabelecimentos comerciais se faziam presentes em 1922 e a demanda de fornecimento dos produtos produzidos localmente extrapolavam a comunidade que estas fábricas estavam inseridas. Conforme os registros apontam, a Officina Boss & Hickembick, exportava uma grande e variada quantidade de obras em madeira, fornecendo também os seus produtos à frigoríficos da fronteira; a Fundação Reimann possuía um porte de produção considerável dentro do ramo, recebendo um grande número de encomendas da Serra. De modo geral, as fábricas locais forneciam produtos para Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, e para outros estados como Rio de Janeiro e São Paulo.

Em um panorama nacional, o processo de industrialização se intensificou a partir da Grande Depressão de 1930. O economista brasileiro Celso Furtado, reforça que o desenvolvimento da indústria nos anos 30 firmou-se a partir da reação da economia e da política econômica ao desequilíbrio externo, que se seguiu à Crise do Café e à Depressão. Sobre este contexto, o economista Wilson Suzigan reafirma que a citada crise traz uma ruptura no início da década de 1930, iniciando uma era em que a industrialização do país avança em

ritmo acelerado. Ainda nesta conjuntura, Suzigan aponta que a base de poder da oligarquia rural havia sido prejudicada pela crise do café, no qual a Grande Depressão arrojou a crise econômica, e a Revolução de 1930 coloca fim à hegemonia política da oligarquia. Com o capital advindo das exportações, foi possível diversificar as atividades econômicas internas e modernizando também a economia. Como apontado por Suzigan havia a necessidade de consumo: máquinas e equipamentos, implementos agrícolas, insumos, material de transporte etc. Essa questão faz com que se criem condições para o desenvolvimento industrial que suprissem a demanda local e interna.

Pelo olhar de Regina Weber podemos considerar que na história local, aqui em Ijuí, essas transformações propostas pela industrialização também refletem na fisionomia da cidade, sendo que alguns lugares que abarcam grandes estações fabris passaram a ser identificados como bairros industriais. Sobre os habitantes dessa cidade, grande parte desses trabalhadores fabris na década de 1930 e 1940 se constituem de europeus que chegaram ao Brasil nos anos de 1920 e 1930, sendo caracterizados dentro do sentido diversificado, já que alguns habitantes também são de origem rural que abandonaram o campo por algum motivo específico.



*Fundação Reimann e  
Gressler, 1925.  
Coleção Família Beck.*



## Exposições “étnicas” do Museu Antropológico Diretor Pestana

Texto por Jaeme Callai, professor de Unijuí.

Publicado em 13 de abril de 2023.

O Museu Antropológico mantém desde sua criação a Exposição de Longa Duração, na qual através de peças, fotos e textos conta a história da ocupação humana na região de Ijuí. Esta Exposição abarca desde os habitantes originários, indígenas que habitavam a região desde muito antes da chegada dos primeiros europeus, passando pela presença jesuítica, pela presença de afro-brasileiros, caboclos, lusos e espanhóis e, mais recentemente, a contribuição da imigração européia do final do século XIX. A história que a exposição procura contar se completa com materiais representativos da vida social, econômica e política de Ijuí.

A par da Exposição de Longa Duração, que é uma espécie de visão retrospectiva da presença humana em Ijuí e região, o Museu apresenta exposições temporárias que objetivam dar maior realce a diferentes aspectos da vida local.

Nas últimas décadas, Ijuí tem trabalhado na revalorização da contribuição dos diferentes grupos étnicos em sua formação. O resultado é a criação dos grupos étnicos, reunidos na União das Etnias de Ijuí (UETI), e mais recentemente o reconhecimento, político, de Ijuí como “Capital das Etnias”.

Quando da criação do Museu, e certamente por influência do entendimento de seu primeiro Diretor Martin Fischer, a composição do acervo revelava um viés que valorizava sobretudo a contribuição dos imigrantes – tidos como desbravadores, colonizadores, movidos por um ímpeto civilizatório. Neste primeiro momento a contribuição de caboclos e indígenas ficou relegada em um segundo plano. Era o espírito do tempo, a elite letrada e economicamente dominante “contava sua própria história”.

No correr dos anos o Museu vai corrigindo a rota, reformulando suas concepções na perspectiva de uma compreensão mais ampla da dinâmica social e humana. Numa perspectiva inclusiva e mais democrática, próxima do que efetivamente tem sido a contribuição

de todos e tantos que fazem Ijuí ser o que é.

Literalmente em meio a esta caminhada, o Museu realizou nos anos 1974/75 um conjunto de três exposições comemorativas ao sesquicentenário da imigração alemã, do centenário da imigração italiana e da imigração polonesa. Todas elas numa perspectiva laudatória e de reconhecimento da contribuição destes grupos étnicos.

Estaria aí o embrião do que viria a se transformar no movimento étnico atual?



Mostra Imigração Alemã/150 Anos, 1974.



Mostra Imigração Polonesa/100 Anos, 1975.

## **Panorama da Indústria de Ijuí no Século XX: Década de 1940 e 1990**

*Texto por Fabricio de Souza, designer e  
colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 20 de abril de 2023.*

No relatório sobre a indústria ijuiense em 1940, apresentado no Álbum Comemorativo do Cinquentenário da Fundação de Ijuí, é elencada uma relação dos principais estabelecimentos industriais de Ijuí, dentro de um cenário sobre a vida econômica da cidade. Neste cenário podem ser destacados os seus mais diferentes setores, sendo possível perceber a diversidade de produtos produzidos localmente a partir de grandes indústrias de projeção comercial. Entre as principais destacam-se o total de 89 indústrias, distribuídas entre os setores de fundição de ferro, fábrica de cal, produtos suínos, laticínios, de sabão, vestuário, sendo o maior número centralizado nas fábricas de vinho. O relatório também aponta a importância industrial e comercial de Ijuí, sendo firmada na presença legal, de forma registrada, o número de 629 firmas entre grandes e pequenas fábricas, não só no contexto urbano, mas também rural.

Logo, no Álbum Comemorativo do Centenário de Emancipação da Cidade de Ijuí, este centenário especificado em 1962, são apresentados alguns dados sobre a economia da cidade, no qual mostra seus mais de 600 estabelecimentos industriais, urbanos ou rurais, sendo consolidados como uma potência industrial. Os setores destes estabelecimentos são identificados os ramos madeireiro, encontrando desde a extração, até as mais modernas técnicas industriais; no ramo metalúrgico, onde a indústria abrange desde a fundição até a fabricação de maquinários pesados, no setor alimentício que também encontra-se a expressão máxima do frigorífico, com a industrialização de todos os subprodutos. Também reforça-se a presença da exploração de duas fontes

hidrominerais, com o engarrafamento de 80 a 100 mil garrafas mensais, exportadas para todo o território nacional.

Sobre um panorama das décadas de 1970, 1980 e 1990, Danilo Lazzarotto (2002) traz uma nova análise sobre o setor industrial ijuiense, especificados entre as atividades ligadas à metalúrgica, produção não-metalurgia, mecânica, mobiliária, madeireiro, produtos alimentícios e bebidas. Entre os anos de 1970 a 1980 os estabelecimentos industriais perderam o fôlego, passando de 215 para 167, mas logo recuperado na próxima década, onde totalizam-se 225 estabelecimentos identificados em Ijuí.

Ainda dentro do campo de análise de Danilo Lazzarotto (2002) reforça que os números descritos acima, não mostram os motivos da crise que o setor industrial passou, mas podem ser levantadas algumas razões dentro do contexto em que as décadas estavam inseridas, como: a diminuição significativa da matéria prima ligada à madeira, visto que afeta diretamente o setor que trabalha com tais produtos derivados destes materiais; desenvolvimento tecnológico possibilitou uma produção em grande escala, barateando matérias primas, porém inviabilizando grandes fábricas por questões de concorrência; com a melhoria das estradas os fretes são barateados, transportando por toda a parte os produtos das grandes empresas, colocando fim com o artesanato concorrente. Lazzarotto também destaca a força de duas indústrias tradicionais que continuam em atividade e que firmadas na história de Ijuí, acompanharam também as transformações da sociedade, como a IMASA, no setor metalúrgico e a Balas Soberanas, no setor alimentício.



*Fundição Fuchs & Cia, Rua do  
Comércio esquina Bento Gonçalves,  
década de 1950. Coleção Família  
Beck.*



## Nosso acervo: moenda de cana-de-açúcar

*Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.*

*Publicado em 27 de abril de 2023.*

Em 1991 o Sr. Landelino Wender ofereceu ao Museu Antropológico Diretor Pestana a doação da sua moenda de cana-de-açúcar que outrora tinha adquirido, em 1966. O objeto foi feito artesanalmente na região conhecida como Alto da União, todo em madeira de cabriúva e eucalipto, destinado ao processamento primeiro da cana. Para facilitar o procedimento, as folhas poderiam ser retiradas tão logo fosse cortada a cana, mas não é regra do processo. A moenda já foi comprada de um usuário anterior, o Sr. Atílio Máximo Del Frari, que antes a comprou do Sr. Estevão Andriollo que adquiriu de quem o construiu.

Com somente uma haste de movimento, era ligada a um animal de grande porte que andava em volta do engenho, como equino ou bovino, para dar a tração necessária e, com o movimento, fazer com que os rolos ganhassem vida moendo a cana e extraíndo assim o caldo.

Se a cana-de-açúcar fosse de boa qualidade era possível extrair em meia hora aproximadamente 14 latas de caldo,

com cerca de 18 litros cada uma delas. Uma vez extraído o caldo, voltavam a atenção para outras produções derivadas do caldo, utilizando tachos e aquecimento para produzir schmier, melado, rapadura e açúcar.

Hoje a moenda está, por dificuldades de espaço, na parte dos fundos do museu em área externa, podendo ser contemplada em qualquer horário. Seu formato rústico e os anos pesam na moenda, fazendo-nos refletir em quantas delícias não foram produzidas, ou quantos sorrisos ela causou enquanto mesmo crianças escolhiam canas menos espessas e as moíam para poder tomar a chamada guarapa de cana?

Repleta de memórias e sentimentos, a moenda aguarda sua visita no MADP.



*Moenda de cana -de-açúcar exposta na parte externa do Museu.*

## O Museu Antropológico é um retrato de Ijuí?

*Texto por Jaeme Callai, professor de Unijuí.*

*Publicado em 04 de maio de 2023.*

O Museu Antropológico Diretor Pestana, no dizer de um professor da Universidade Autônoma de Madri, quando de sua visita ao mesmo, é um “museu de identidade”. Resta saber qual é a identidade? A identidade de quem? Quem ali se reconhece?

O Museu, em suas mais de seis décadas de existência, trabalhou diligentemente na coleta, na classificação e organização, na preservação e guarda de testemunhos, de documentos, de objetos que permitam a mais adequada representação de identidade das populações e grupos sociais que são parte da longa história desta região.

Quem somos? Qual a identidade dos ijuienses? O autorretrato é por si só muito problemático, sempre sujeito à autoilusão. Tendemos, quando otimistas, a nos considerarmos melhor do que efetivamente somos ou, quando pessimistas, a nos depreciarmos.

O autorretrato das primeiras décadas privilegiou a contribuição dos indígenas pré-cabralinos e jesuíticos e, especialmente, a dos imigrantes, que a partir do final do século XIX, auxiliou aqui no “progresso” e forte contribuição civilizatória. O Museu reproduzia, inadvertidamente, a ideologia do branqueamento da raça brasileira, muito

em voga no início do século XX. Este viés se revelou na escassa presença de documentação e referência às populações negras, mestiças (caboclos) e indígenas contemporâneos, quando consideradas as primeiras décadas da existência do Museu.

Passa o tempo. Estudos acadêmicos de professores e alunos da Fafi/Unijuí trazem novos entendimentos, novas abordagens, contribuem para uma compreensão mais alargada do que somos, da contribuição de diferentes atores sociais na construção da sociedade ijuiense. Tem início então a construção de outro autorretrato, que pretende ser mais fiel à diversidade da população ijuiense e regional.

O trabalho desenvolvido nas primeiras décadas retratava uma sociedade de imigrantes na qual os demais grupos tinham um papel acessório, expressando assim o entendimento predominante, reiteradamente expresso por aqueles “que tinham voz”. Com a passagem dos anos o Museu busca retratar a complexidade de uma sociedade plural, em que diferentes grupos propiciam valiosa contribuição.

O desafio, permanente, é saber se efetivamente as pessoas, os grupos sociais se “enxergam” neste retrato que o Museu apresenta e representa.



*Exposição artesanato povos indígenas na atualidade. Museu, 1983.*

## A caminhada de um museu antropológico

*Texto por Fabricio de Souza, designer e  
colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 11 de maio de 2023.*

### **O início da busca de um caminho**

Como experiência de extensão universitária, o Centro de Estudos e Pesquisas Sociais, Centro fundado em 1961 na Faculdade de Filosofia e Letras de Ijuí, desenvolvia-se em três estruturas interligadas: Movimento Comunitário de Base, o Museu Antropológico Diretor Pestana e o programa radiofônico “Nossas Coisas e Nossa Gente”. Se estabelecem eixos de processos sociais (contato social, comunicação e interação), comunidade e cultura, estruturando assim um sentido comunitário, elevado em uma consciência de comunidade.

### **Consolidação de um caminho**

A criação Museu Antropológico Diretor Pestana, agente social persistente da preservação da memória e história regional, vai ao encontro com a decisão de se criar uma instituição antropológica que buscava-se reconstruir o passado e identidade em um período onde se estava perdendo a cultura material em face à modernização agrícola regional. Éno programa “Nossas Coisas, Nossa Gente”, que Mario Osorio e Argemiro Jacob Brum estimulam e sensibilizam a comunidade para doar peças, assim fortalecendo e ampliando o acervo preservado no Museu. Com funções direcionadas à pesquisa,

inserindo-se como um centro de estudos e reflexões, o Museu por também tinha por constituição a função educativa para a comunidade regional, estimulado por meio de uma concepção expositiva fomentada por visitas e aulas ministradas.

### **A caminhada continua**

Dentro destes 62 anos desde a idealização e fundação de uma missão com o foco na integração da pesquisa, ensino e extensão com protagonismo da comunidade local, consegue-se se consolidar e perpetuar este trabalho, hoje apresentando-se como uma instituição que visa a reflexão por meio da pesquisa, comunicação, difusão e preservação do acervo, contribuindo no processo educacional, identitário e cultural, visando o desenvolvimento do Noroeste do RS, buscando também ser referência museológica e arquivística para os museus no Estado do RS. Refletir sobre o passado para reverberar o futuro. Assim se faz e se faz o trabalho do Museu Antropológico Diretor Pestana dentro destas mais de seis décadas de existência.



*Materialidade preservada  
no Museu e disponível para  
pesquisas, 2022.*



## A construção simbólica da história/memória ijuiense

*Texto por Jaeme Callai, professor de Unijui.*

*Publicado em 18 de maio de 2023.*

Hobsbawn e Ranger, dois historiadores ingleses, no livro intitulado “A Invenção das tradições”, demonstram que a venerável “tradição” em que se baseia o nacionalismo e uma espécie de antiga e inatacável superioridade dos povos, é uma coisa inventada.

Em certo sentido o mesmo se aplica ao caso ijuiense.

Um punhado de imigrantes, de diferentes nacionalidades, é literalmente jogado no mato, quase à própria sorte. Muitas, e reais, são as dificuldades iniciais diante do desconhecido. A partir dessa circunstância, e da convicção de uma pretendida superioridade étnico-racial e cultural frente à sociedade luso-brasileira e cabocla que os recebia, é contada uma história em que o imigrante é o protagonista e herói civilizador.

Para começar, os imigrantes se definem como “de origem”. Isto é, melhores, superiores, frente aos demais, como se estes não tivessem “origem”(?!). A julgar pelos relatos, tudo foi feito pelos imigrantes!

Ledo engano! Ijuí era mato, mas não era um deserto. Da mata se extraía a erva-mate, valioso produto comercial que alimentava importante circuito comercial, trabalho feito por caboclos profundos conhecedores da área. Serão eles que

irão acolher os imigrantes, ensinar-lhes o manejo da produção agrícola, realizar o árduo trabalho de derrubada da mata, da formação das primeiras lavouras.

Voltemos à tese da “invenção das tradições”. Quem conta a história de Ijuí são os imigrantes. Alguns marcos: em 1940, grande Exposição Agropecuária e Industrial acompanhada pela publicação “Cincoentenário de Ijuí”; 1962, publicação de livro “Cinquentenário do Município de Ijuí”; 1974-75, comemorações do centenário da imigração polonesa e italiana, e o sesquicentenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, com a realização de 03 Mostras Comemorativas pelo Museu Antropológico; em 1990, o Jornal da Manhã publica “Cadernos do Centenário” e, não por acaso, é construído o Monumento ao Imigrante. Onde? Na Praça dos Imigrantes, é claro.

Em todos estes momentos o que se observa é um relato auto laudatório, a insistir no protagonismo do imigrante e de seus descendentes, enquanto aos demais ijuienses fica reservado um papel secundário, quando não marginal.



*Mato nativo Ijuí, sem data.*

## **Manifesto de 62 anos do Museu Antropológico Diretor Pestana**

*Texto por Iselda Sausen Feil, diretora do Museu.*

*Publicado em 25 de maio de 2023.*

O Museu Antropológico Diretor Pestana independente do tempo histórico, político ou econômico, sempre esteve e está presente na comunidade, até porque ele é da comunidade. Embora sabemos que isto pode e deve ser fortalecido, agregando projetos integrados e integradores que possam causar resultados significativos na construção da identidade cultural de Ijuí, tornando-a uma cidade amiga das pessoas, generosa, acolhedora, e, por que não dizer: mais feliz?

Já tem um tempo que a visão do museu era o de se constituir referência para os demais museus. Atualmente, após avaliar os projetos, testemunhos e depoimentos, vimos que está em tempo de reescrever esta visão, pois podemos afirmar com certeza que somos referência dos Museus Antropológicos. Somos referência por termos um museu comprometido com a história de seu povo, por pautar seus projetos no paradigma antropológico cultural, o qual tem como prioridade a humanização, o protagonismo e a pesquisa como conduta e princípio formativo.

Mas, poderíamos nos perguntar: por que a história é tão importante? Para quem mesmo serve um museu? Aí poderíamos apontar várias razões, mas, para “encurtar a conversa” eu diria que é para não perder o rumo, a trajetória da nossa história, pois ao retomá-la, percebemos o quanto já produzimos e o quanto ainda falta. Concordamos com Soares (2010) quando ela afirma que é entendendo o

que ficou para trás, é que se pode explicar o presente e é explicitando o presente, que se pode delinear o futuro pois...

Ao retomar a própria história nos autorizamos a pensar, a fazer diferente, a questionar algumas certezas, elaborar mais novas perguntas. Podemos descobrir coisas fascinantes, que fomos deixando pelo caminho e que ainda podem se constituir de referência para ir para frente.

Isso nos leva a mais uma interrogação: O Museu é necessário para dar conta disso? Quais suas funções? Qual sua finalidade?

Um Museu que saiba exercer suas principais funções através do trabalho com a preservação da memória social, da pesquisa dos processos culturais relacionados, a preservação, a comunicação dos sentidos e identidades culturais envolvidos.

Um museu que saiba, através de pesquisas e diálogos com a sociedade, as habilidades indispensáveis do cidadão e do trabalhador moderno, para além de aulas e treinamentos: Aprender a aprender e saber pensar, para intervir de modo inovador, ou seja, pautar seu trabalho na articulação pesquisa, ensino e extensão de forma interdisciplinar, colaborativa e propositiva. Isto implica, necessariamente, fortalecer as relações entre as instituições, pensar e produzir projetos pautados nos princípios da participação, da solidariedade, da felicidade, da sustentabilidade e do bem-estar.



*Construção da sede atual do Museu, 1976.*

## O Cotrijornal: documento de imprensa como fonte de pesquisa sobre o movimento cooperativista

*Texto por Amanda Keiko Higashi, arquivista e colaboradora do Museu Antropológico Diretor Pestana. Publicado em 31 de maio de 2023.*

O cooperativismo no Rio Grande do Sul pode ser considerado um dos fatores cruciais ao fortalecimento de diversos segmentos da economia em meio às crises e transformações socioeconômicas do país. O Museu Antropológico Diretor Pestana preserva um acervo que representa a memória do cooperativismo gaúcho, tema bastante pesquisado nas linhas de desenvolvimento e memória regional: a coleção Cooperativismo; a produção intelectual de docentes e processos de ensino, pesquisa e extensão no arquivo da Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE); as edições do Coojornal e Cotrijornal.

O Cotrijornal, produzido pela Cooperativa Triticola Serrana Ltda (COTRIJUÍ), tem seu destaque, ora por conter todas as edições publicadas, ora por contextualizar uma instituição do noroeste do estado, que atingiu um destaque nacional. Com 220 edições publicadas entre 1973 e 1994, integra a memória do jornalismo especializado no Rio Grande do Sul, com um conteúdo direcionado aos cooperados e parceiros da cooperativa, como economia e informações técnicas. Mas, também apresenta temas como

cultura, história, saúde e conteúdo infantil, caso do suplemento Cotrisol, elaborado pela Escolinha de Arte da FIDENE, posteriormente Escola Francisco de Assis e atual Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA).

Ainda que encerrada a publicação, possíveis reflexões podem ser extraídas e instigar debates. Por isto, a preocupação do Museu em conservar, organizar e facilitar o acesso ao patrimônio documental, de modo a contribuir com a pesquisa. Assim, a digitalização das edições integra uma das atividades do Projeto Difusão da memória social através da imprensa em Ijuí e Rio Grande do Sul: conservação do acervo de jornais e acesso eletrônico às publicações sobre a revolução farroupilha (1838-1840) e o cooperativismo regional (1973-1994), com o financiamento Pró-Cultura RS - Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através do Edital SEDAC nº 07/2021 do Concurso FAC Patrimônio.



*Desenvolvimento do projeto, Difusão da memória social através da imprensa em Ijuí e Rio Grande do Sul: conservação do acervo de jornais e acesso eletrônico às publicações sobre a revolução farroupilha (1838-1840) e o cooperativismo regional (1973-1994).*



## **Patrimônio Documental: Fundo Prefeitura Municipal de Ijuí**

*Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 08 de junho de 2023.*

A fundação do Museu data de 25 de maio de 1961, idealizado para caracterizar-se em “síntese da evolução da região pela mão do nosso homem” (Correio Serrano, 1961, capa), e constituído para “a preservação das coisas significativas do passado: que sejam guardadas e que sejam postas à disposição dos que desejarem estudar ou simplesmente, conhecer. Um documento antigo, uma fotografia, um número de jornal amarelecido pelo tempo, uma velha revista” (PREISLER, LAZZAROTTO, AIMI, 1981, p. 4), com a missão de preservar e dar acesso.

Cumprindo a sua missão principal de preservar o patrimônio cultural de Ijuí e região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, o acervo do Museu compõe-se dos mais variados gêneros documentais, tais como: textuais, bibliográficos, iconográficos, sonoros, audiovisuais, cartográficos e museais. Esses gêneros são distribuídos e organizados de acordo com as particularidades do panorama organizacional do Museu, abrangendo as Divisões de Museologia, Imagem e Som e de Documentação.

Nesta publicação, a coluna “Nossa história, nossa memória” destaca os acervos preservados pela Divisão de Documentação: documentos textuais, bibliográficos e cartográficos. Cabe a esta Divisão a gestão documental de vários fundos e coleções documentais, entre eles, estão o Arquivo Fidene e as Coleções Ijuí, Cooperativismo, Regional, Sindicalismo, Kaingang – Guarani-Xetá, a Biblioteca especializada e o arquivo de jornais que constitui a Hemeroteca. O acervo de documentos textuais representa em torno de 976 metros lineares de documentos.

Dentre os vários fundos documentais preservados no arquivo do Museu, documentos da Prefeitura Municipal de Ijuí. Entre as espécies documentais, originais e fotocópias, encontram-se relatórios de atividades, correspondências, telegramas, ofícios, livros: de registros, atas; leis, decretos, notícias publicadas em jornal, entre

outros. A documentação data de 1890, período da colonização.

A expectativa de uma vida melhor, a busca por terras produtivas, foram motivos que levaram os imigrantes originados de diversos países a se instalar na colônia de Ijuhy. Um exemplo disso são os livros de registros dos primeiros assentamentos de lotes rurais da Comissão de Terras e Colonização de Ijuí, lotes estes distribuídos para mais de 680 concessionários no início da colonização em 1890.



*Acervo documental presente no Fundo Prefeitura Municipal.*

## Usina Velha e biodiversidade

*Texto por Juliana Fachinetto, professora do curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade da Unijuí, tutora do Programa de Educação Tutorial (PET Biologia).  
Publicado em 15 de junho de 2023.*

O funcionamento da Usina Velha de Ijuí em 1923 marcou o início da geração de energia elétrica na região e fomentou o desenvolvimento econômico, sendo um marco importante para a história de Ijuí. No entanto, é necessário destacar que, ao construir uma usina hidrelétrica, importantes impactos são gerados no ambiente, um dos mais visíveis refere-se ao barramento que gera mudanças no fluxo do rio e o alagamento de áreas próximas ao seu leito, as Áreas de Preservação Permanente.

Nestes locais, as espécies de animais, plantas e microrganismos são impactadas pela perda e modificação do habitat. Estas espécies representam a biodiversidade local, de grande importância para a manutenção do equilíbrio do ambiente. Diversas espécies da fauna nativa podem ser encontradas na área de abrangência da Usina Velha, tais como o veado-virá, ouriço cacheiro, gambá, gavião-carijó, alma-de-gato, jundiá e espécies de cascudos. Espécies da flora nativa também são comuns, como o arará, pitangueira e guajuvira.

Porém, muitas das espécies que eram comuns há 100 anos atrás, quando do início do funcionamento da usina, já deixaram de existir em nossa região devido à redução do habitat natural para a expansão das cidades e desenvolvimento da agropecuária. Por tanto, ações que visam a preservação da biodiversidade que ainda resiste às ações humanas precisam ser desenvolvidas, pois ela representa um patrimônio ambiental, uma riqueza que é base de nossa existência e um legado a ser entregue para as próximas gerações.



*Vista da Usina Velha (Usina da Sede). Coleção Germano Gieseler.*



## Cine Teatro Serrano

Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.

Publicado em 22 de junho de 2023.

O Cine Teatro Serrano, inaugurado em 1917, se localizava ao lado da Igreja da Natividade, próximo à Praça da República e era de propriedade de Max Schamberg. Além de exibir filmes, eram apresentados espetáculos teatrais.

Em 1948 a estrutura do prédio foi modificada. A publicação noticiada pelo Jornal Correio Serrano, no dia 18 de fevereiro de 1948, traz como pauta a inauguração do Cine Teatro, apresentando ao leitor a sua estrutura: *“A parte interior do edifício é toda iluminada com luz fluorescente. E só a primeira platéia oferece comodidade para 600 espectadores. Lá estão, aguardando os fans dos bons filmes, nada menos de 600 confortáveis poltronas, executadas com esmero e carinho pela conhecida Fábrica de Móveis Gritsch. Além disso, a segunda platéia oferece comodidade para outros 200 espectadores.”* Continuando, a notícia também destaca o equipamento de projeção: *“A potente máquina de projeção marca ‘Saxônia V’, dotada da famosa lente ‘Zeiss’, também sofreu uma reforma geral, e está em condições de satisfazer o mais exigente espectador.”*

A notícia finaliza trazendo o destaque para o primeiro filme em cartaz a ser exibido no Cine: *“A inauguração do Cine-Teatro Serrano terá lugar sexta-*

*feira (20/02/1948), com duas sessões cinematográficas, nos seguintes horários, 19h30 e 21h15 horas, com a apresentação de uma escolhida película, intitulada: ‘Quando fala o coração’.”*

A remodelação do prédio do foi levada a efeito pela Construtora Leopoldo Paulo & Irmão, e o serviço de iluminação do mesmo pela firma João Tessaro. Com essas alterações, o Cine Teatro Serrano passou a ser considerado um dos mais modernos do Rio Grande do Sul. Mais tarde foi vendido à empresa Cine América.



Cine Teatro Serrano, década de 1920. Foto Coleção Família Beck – Acervo Museu

## **Ações educativas para a valorização do patrimônio cultural**

*Texto por Fabricio de Souza, designer e colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana. Publicado em 29 de junho de 2023.*

As práticas ligadas à educação patrimonial estão diretamente envolvidas como um instrumento da alfabetização cultural, que consiste no reconhecimento do sujeito como parte do mundo, levando ao esforço da autoestima dos indivíduos e comunidades, e também a valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural. Tal alfabetização cultural auxilia na capacitação do sujeito a compreender sua identidade e também a se identificar, de forma autônoma, em seus valores e em sua memória pessoal/coletiva.

Quando referenciamos ainda a implementação deste processo de educação patrimonial ligada ao patrimônio deve se levar em conta a investigação, apropriação e a valorização. Como pontua Machado (2004), o trabalho com a produção cultural das gerações passadas permite reativar os processos de memória, levando um outro olhar sobre os seus saberes e os seus fazeres, estabelecendo relações com as produções culturais. Este processo faz com que auxilie na construção de uma identidade coletiva, levando a compreensão e a significação de quem somos.

A apropriação do contato com os patrimônios estrutura um sentimento de identidade e cidadania. Essa apropriação por meio das relações estabelecidas entre os sujeitos e objetos, leva ao fato de que os atores do processo, tanto individualmente ou coletivamente, se sintam responsáveis pela preservação deste legado deixado ao longo do tempo.

Quando se estimula os exercícios de preservação e comprometimento com patrimônio, dentro dos campos de uma ação educativa voltada os bens culturais, se deve levar em conta o envolvimento da comunidade como ponto de partida, não podendo deixar ficar restrito somente dentro dos muros das instituições, já que tudo isso faz parte de um trabalho que liga a comunidade para a comunidade. É por meio da mediação e do trabalho educativo

para o patrimônio que as futuras gerações poderão reverter o descaso com os bens culturais, tomando consciência da sua importância no meio que vivem, bem como a proteção do meio que vivem nas suas diferentes vertentes.



*Registro de ações educativas que estão ocorrendo no Museu durante a exposição “Usina Velha (1923-2023): história energética e ambiental”.*

## José Oliveira, o artesão do couro

Texto por Neyta Belato, filha do artesão José Oliveira.

Publicado em 06 de julho de 2023.

José Oliveira (1902/1993), natural de Canguçu (RS), foi trabalhador do campo, arrendatário de terras para a produção de arroz em São Lourenço do Sul. Como habilidoso artesão, confeccionava todos os aperos necessários para seus animais de trabalho e transporte, convertendo-se num exímio “guasqueiro”.

A arte de guasquear ele aprendeu de seu pai Gregório Francisco Oliveira e de outros artesãos com quem convivia. Confeccionava cordas com trançado reto, ou achatado, arredondado e até quadrado, conforme as peças que iria conceber e produzir com quatro e até com doze tentos. Dedicava especial atenção e zelo na preparação dos couros com o objetivo de produzir peças de alta qualidade e perfeição. A partir de 1963, por motivos de doença, vê-se obrigado a abandonar as lidas do campo e passa a residir em Porto Alegre. Acostumado ao trabalho intenso e com uma razoável melhora de sua saúde, busca um novo fazer e o descobre quando, passeando pelo centro de Porto Alegre, numa loja de produtos gauchescos, vê os aperos que ele fazia, feitos em miniatura. Descobre aí a inspiração para construir seu novo ofício e, a partir desse momento, ressignifica o seu “fazer especial” diante de um novo contexto, criando motivos de reencontro consigo mesmo, com suas

raízes, num trabalho que sempre gostou de fazer.

Do trabalho de artesão de peças utilitárias passa, então, a artesão de objetos simbólicos. As miniaturas feitas em couro de cabrito representam os usos e costumes das tradições do mundo do trabalho camponês que, por sua criatividade, convertem-se em peças de adorno para uso pessoal, tais como gargantilhas, barbichos, abotoaduras, brincos, cordões, etc.

Surge das mãos habilidosas de José Oliveira a arte do couro e a delicadeza do trançado. E para que esta arte possa ser apreciada pela sociedade, nós, seus familiares, a doamos ao Museu Antropológico Diretor Pestana.



Maleta de Ferramentas, objeto preservado pelo Museu.

## Acervo em Exposição: Petyngué

Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.

Publicado em 13 de julho de 2023.

O Povo Guarani vive na Argentina, Paraguai, Bolívia e no Brasil nos estados do Sul, Sudeste e Centro Oeste, se constituindo na maior etnia indígena brasileira.

No Brasil, o Povo Guarani se divide em três subgrupos: Ñandeva, Kaiowa e Mbya, com diferenças nas formas linguísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, assim como formas específicas de interpretar a realidade vivida e de interagir segundo as situações em sua história e em sua atualidade.

No RS, vivem os Guarani Mbya que têm sua organização centrada na opy, local onde realizam suas cerimônias religiosas. A música é um dos principais elementos de comunicação com o mundo sobrenatural e nas letras estão sempre presentes os temas da luta pela Terra, da organização social Guarani, dos criadores míticos Nãnderu e Nãdexy, dos deuses do Sol (Nãmandu, verdadeiro pai de tudo o que existe na Terra, pois sem ele nada poderia viver e crescer) e do Trovão (Tupã) e, principalmente, da busca da Terra Sem Males, o paraíso mítico Guarani, onde não há morte, existe comida em abundância e se vive de acordo com os antigos costumes.

O uso do petyngué (Cachimbo) é milenar e está associado a ocasiões

cerimoniais, ou aquela em que é necessária a intervenção de forças divinas para curar enfermos ou para a recuperação da ordem da natureza, da vida social ou a harmonia interior.

O petyngué é usado na Opy – casa de reza - considerado sagrado e a fumaça que sai dele leva os pensamentos até Nhanderu, por isso os guarani começam a fumá-lo ainda pequenos para estimular, desenvolver a religiosidade desde criança para que quando passe para a adolescência, e se tiver o dom, se torne um xamã.

O petyngué pode ser feito de vários materiais, como por exemplo, argila, que pode ser misturada com ossos de caça para ter maior resistência, e madeira. Na região Sul, o petyngué pode ser feito com o nó de pinho, já que este material é bastante resistente ao calor. O cachimbo também pode ter formato de um animal, como um papagaio.



Objeto inserido na Exposição de Longa Duração. Visite e conheça!



## Nosso acervo: bonecas

*Texto por Fabricio de Souza, designer e colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana. Publicado em 20 de julho de 2023.*

A história dos brinquedos remonta a milhares de anos, uma vez que o ato de brincar é inerente à natureza humana e é observado em todas as culturas ao longo da história. Os primeiros brinquedos conhecidos eram feitos de materiais naturais, como pedras, ossos, madeira e tecidos.

Na antiguidade as civilizações, como os egípcios, gregos e romanos, produziam brinquedos simples para as crianças, incluindo bonecas, bolas, carrinhos e jogos de tabuleiro. Com o advento da Revolução Industrial (século XVIII e XIX) os brinquedos começaram a ser produzidos em massa. Brinquedos de metal, como trens de lata e soldadinhos, tornaram-se populares. Bonecas de porcelana também se tornaram comuns nesta época. Nas décadas recentes a tecnologia começou a desempenhar um papel significativo na indústria de brinquedos. Os videogames, consoles e dispositivos eletrônicos para crianças se tornaram extremamente populares, alterando a forma como as crianças brincam. Em tempos atuais, com o avanço da robótica e da inteligência artificial, surgiram brinquedos mais sofisticados, como robôs programáveis.

A foto que ilustra o conteúdo da nossa coluna demonstra uma boneca de porcelana, objeto que compõe o Museu e que foi doado por Isabela Barbi Pain.

As bonecas de porcelana remontam aos séculos XVIII e XIX, quando se tornaram populares entre a nobreza europeia, sendo consideradas símbolos de status. Hoje, as bonecas de porcelana continuam a encantar colecionadores e entusiastas em todo o mundo. Elas são apreciadas como peças de decoração, itens colecionáveis e até mesmo heranças familiares.

A título de curiosidade as bonecas surgiram como figuras que eram adoradas como deusas, há 40 mil anos. Mas só muito tempo depois, no Egito de 5 mil anos atrás, se transformaram em brinquedo. A primeira fábrica de bonecas surgiu na Alemanha em 1413.

Foi no século XX que a famosa Barbie fez sua estreia. Criada por Ruth Handler em 1959, a Barbie revolucionou o mundo das bonecas, apresentando uma figura feminina moderna, independente e cheia de estilo. Ela se tornou um ícone cultural, representando a busca pelos sonhos e a diversidade.

Hoje em dia, temos uma infinidade de bonecas disponíveis, abrangendo diferentes etnias, culturas, profissões e estilos. Elas são uma fonte de diversão, aprendizado e criatividade para crianças e adultos em todo o mundo.

*Texto por Fabricio de Souza, colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.*

*Fotografia: Boneca de porcelana, acervo do Museu.*



*Boneca de porcelana, acervo do Museu.*

## Venha visitar o Museu

*Texto por Iselda Sausen Feil, diretora do Museu.*

*Publicado em 27 de julho de 2023.*

O Museu pode ser visto como programa educativo, cultural e lúdico que faz recordar, refletir, emocionar, e que pode ser feito a qualquer hora. Às vezes acompanhado, outras sozinho, são duas experiências diferentes, ambas cheias de sentidos/significados e possibilidades.

Podemos considerar que Museus são espaços em que se pode interagir com as diferentes linguagens presentes e mesmo que não se leia todas, ou pensamos que não existem, elas existem, como por exemplo, o silêncio. Quem já ouviu o silêncio? Ele existe e tem muitas coisas para nos dizer.

O Museu se caracteriza como um lugar de encontro do passado com o presente e com a possibilidade de sonhar com um futuro, um local de encontro com pessoas de lugares, culturas diversas, um encontro de aprendizagens.

Essa reflexão complementa observações realizadas nos últimos dias, onde recebemos e acolhemos visitantes de vários estados, como: Sergipe, Pará, Maranhão, Bahia, Santa Catarina e também pessoas de outras regiões do Rio Grande do Sul, advindas da cidade de Lajeado, por exemplo. Esses visitantes trazem suas experiências, histórias e vivências, não saindo indiferentes após percorrerem o espaço expositivo, isso porque saem

tocados pelos objetos e discurso proposto pela exposição.

Dentro de um recorte referente ao período de férias escolares no mês de julho, podemos observar que cotidianamente a circulação de pessoas procedentes de diferentes regiões buscam o Museu como uma opção de lazer, reforçando o dinamismo destes espaços.

Ficamos felizes pelas visitas mas, ao mesmo tempo, continuamos estimulando o público a visitar o Madp.

As portas estão abertas! Venha curtir este programa!



*Visitação estudantes da Universidade do Vale do Taquari, localizada em Lajeado, RS.*

Mês Comemorativo Associação de Amigos do Museu

## A semente e os frutos I

Texto por Jaeme Callai, professor de Unijuí e  
ex-presidente da Associação de Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 03 de agosto de 2023.

A Associação de Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana (AAMDP) foi criada no ano de 1983 e comemora no presente mês 40 anos de atividades. Como surge a Associação, quais são seus objetivos e sua ação ao longo destas décadas? Ao ensejo do aniversário, neste mês é oportuno uma espécie de prestação de contas e ao mesmo tempo uma projeção de quais os próximos passos, os novos desafios.

A atuação de Associações de Amigos, no caso de instituições culturais, é uma prática generalizada no mundo. Para se ter uma ideia, o Museu do Louvre conta com uma *Société des Amis* desde 1897. No Brasil o movimento é mais recente, com iniciativas inicialmente esparsas, hoje a quase totalidade das entidades culturais – Museus, Teatros, Bibliotecas – possuem uma associação que os apoia. A criação da Associação de Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana ocorreu no mesmo ano que aquela do Museu Estadual Júlio de Castilhos (1983), e anteriormente a do Theatro São Pedro (1985), a do Museu Nacional (1988) ou a do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS (2023). Esta cronologia atesta o quanto os apoiadores e a direção do Museu Antropológico estavam atentos à dinâmica do movimento museal.

Na atualidade a existência e o funcionamento das “Associações” está

regulamentado pelo Decreto nº 8124 de 2013, cabendo ao Instituto Brasileiros de Museus (IBRAM) o estabelecimento dos requisitos e condições de reconhecimento (legal) das mesmas. Cabe ainda à Federação de Amigos de Museus do Brasil articular os esforços e interesses das ditas Associações.

A Associação dos Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana fundada em 20 de agosto de 1983 tinha com presidente Alfredo Adolfo Beck, Vice-presidente Ademar Campos Bindé, Secretário Luis Carlos Ávila (Bagé) e Tesoureiro Juarez Carlos Bombardieri e, como sócios fundadores, entre outros, Ulrich Löw, Sady Strapazon, Mario Osorio Marques, Argemiro Jacob Brum, Celeste Lucca, Francisco Lemanski, Paulo C. Fanfa da Rocha, Leonilda Preissler, Jaeme Luiz Callai, Leonardo Azambuja.

Dentre os membros deste grupo de sócios fundadores, vários deles revelam profunda vivência pessoal com a vida ijuiense como atores e testemunhas históricas. A semente estava lançada, os frutos futuros serão o resultado do trabalho continuado de sucessivas diretorias e novos sócios.



Criação Oficial da  
Associação de Integração  
Museu-Comunidade  
(AAMadp), 1983.  
Fotografia preservada pelo  
Madp.



Mês Comemorativo Associação de Amigos do Museu

## A semente e os frutos II

Texto por Jaeme Callai, professor de Unijuí e  
ex-presidente da Associação de Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 10 de agosto de 2023.

O trabalho da Associação dos Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana (AAMadp) desenvolveu-se sempre na perspectiva de dois vetores que acabam confluindo naquele que é o objetivo expresso em seu Estatuto: “apoiar a integração do Museu ao processo de dinamização cultural de Ijuí e da Região Noroeste do RS, através da participação ativa de pessoas, empresas e grupos interessados.”

Quais são esses vetores? Independentemente da ordem de importância, um primeiro vetor é o esforço em promover a participação mais efetiva da comunidade local na vida do Museu, facilitando assim a manifestação dos interesses dos diferentes segmentos no que diz respeito ao patrimônio cultural, à memória e aos testemunhos/documentos da história local. Trata-se de um esforço de ampliar os espaços de interação entre a sociedade local e o museu, garantindo que além do trabalho educativo de socialização de conhecimento e de memória que o museu desenvolve em direção ao público, que o público possa também “dizer” ao Museu o que lhe interessa conhecer e preservar. O que é importante no entendimento dos atores sociais a ser conhecido e preservado.

Não por acaso já no momento de sua constituição, mas ao longo de toda sua história a Associação beneficiou-se da

participação de membros da comunidade e de membros da equipe do Museu. A presidência da Associação não por acaso esteve sempre sob a responsabilidade de membros da comunidade, pessoas não pertencentes ao corpo funcional do Museu.

Um segundo vetor diz respeito mais diretamente ao apoio às atividades do Museu, em especial ao trabalho técnico de guarda e preservação documental. Trabalho este feito através da captação de recursos financeiros por intermédio de projetos específicos apresentados junto aos órgãos financeiros. É o caso, dentre outros, dos seguintes projetos: Mobiliário a Reserva Técnica do MADP (IPHAN - 2006), Imagens Históricas: Acondicionar para Preservar (BNDES - 2008/2009), Difusão da memória social de Ijuí e região Noroeste do Rio Grande do Sul: Acesso eletrônico ao acervo fotográfico das atividades econômicas registradas no período de 1900-1990 (Pró-Cultura RS FAC dos Museus - 2017/2018); Adaptação do espaço da Exposição de Longa Duração com vistas à universalização do acesso (Caixa Econômica Federal - 2017/2018); Plano plurianual de atividades: documentação museológica e manutenção do acervo do MADP (Mecenato - 2019).

Como se observa muitos são os frutos, outros tantos virão. Este é o desafio!



Projeto “Imagens Históricas: Acondicionar para Preservar” (BNDES - 2008/2009).



## **Materiais do Sítio Arqueológico Krüger (Ijuí) estão expostos no Museu**

*Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 17 de agosto de 2023.*

Material lítico lascado coletado no Sítio Arqueológico Krüger, descoberto em 2022, por ocasião das prospecções realizadas no futuro condomínio Ijuí Eco Reserva (ao lado do Campus da Unijuí - Ijuí).

O material pertencia a povos indígenas caçadores-coletores que estavam presentes na Região de Ijuí desde 6 mil anos atrás.

Os artefatos são feitos de arenito silicificado e basalto, rochas que fornecem um bom fio de corte. Essas pessoas, portanto, detinham um conhecimento sobre a geologia do seu território e sobre os recursos naturais.

As peças expostas, compostas por artefatos robustos, com formatos curvos e marcas de percussão, podemos afirmar que eram utilizadas para trabalho em madeira, principalmente o corte e a raspagem, além de cavar, com formatos de “enxó/picão” de algumas peças.

### **Sobre a Exposição**

A Exposição **“Resistência: perspectivas decoloniais sobre as culturas dos povos indígenas”** tem por objetivo promover o reconhecimento e fortalecimento das culturas originárias brasileiras, problematizando conceitos e narrativas históricas, visando a construção de uma sociedade mais inclusiva, equitativa e respeitosa das diversidades culturais.

Venha visitar!



*Materiais arqueológicos presentes na Exposição Temporária “Resistência: perspectivas decoloniais sobre as culturas dos povos indígenas” até o dia 24 de setembro.*

## Seja um amigo do Museu

*Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 24 de agosto de 2023.*

Neste mês a Associação comemora 40 anos de fundação e faz um chamamento para a comunidade: **SEJA UM AMIGO DO MUSEU.**

O título de AMIGO identifica o associado dentro do seu interesse na preservação do patrimônio cultural, apoiando ativamente o Museu por meio de afiliação, doações financeiras, voluntariado e defesa. Para além do apoio financeiro, um Amigo do Museu ampara as operações e expansão do museu, desempenhando um papel importante na promoção da instituição.

Para ser um Amigo do Museu é necessário o preenchimento de uma Ficha de Sócio (entre em contato conosco), que autoriza e identifica o interesse na contribuição. Dentro dessa participação, existem alguns benefícios:

- Contribuição na manutenção da história e memória regional.
- Entrada gratuita nas exposições e atividades promovidas pelo Museu.
- Desconto de 10% na Loja do Museu.
- Possibilidade de empréstimo de livros da biblioteca do Museu (mesmo sem ter vínculo Unijui).

Seja um amigo do Museu e desempenhe um papel importante na nossa sustentabilidade e no nosso trabalho contínuo.



## Crenças e Superstições em exposição

Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 31 de agosto de 2023.

Por um longo período da história da humanidade acreditava-se que doenças e acontecimentos bons e ruins eram efeitos causados por poderes mágicos naturais advindos da natureza, pessoas, plantas, animais e objetos ou de forças sobrenaturais. Acreditava-se também que a neutralização destas forças se dava pelo uso de amuletos, benzimentos e simpatias ou até mesmo pela adoção de práticas no dia-a-dia que visavam atrair forças do bem ou evitar forças do mal. Mesmo com o avanço das ciências e da medicina, os povos de todas as partes do mundo mantiveram grande parte destas crenças. No Rio Grande do Sul, dada a grande diversidade étnica, há uma infinidade de crenças presentes no imaginário popular oriundas das mais diversas partes do planeta que aqui foram se mesclando e adquirindo conceitos próprios.

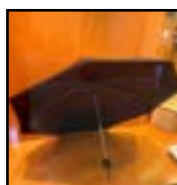
A exposição **“Crenças e superstições no imaginário sul-rio-grandense”**, presente no Espaço Ijuí Hoje, busca estimular o público visitante a pensar/refletir sobre as diversas maneiras que se constituiu a identidade cultural sul-rio-grandense nos diferentes tempos e espaços.

Você conhece alguma dessas crenças? **Exercite seus conhecimentos populares na atividade da lateral.** Para saber as respostas te convidamos para conhecer a Exposição.



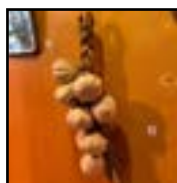
•

- Me carregar dentro no bolso todo dia protege e afasta o mau-olhado.



•

- Não pode me deixar virado do contrário a mãe morre!



•

- Se me abrirem dentro de casa terão muito azar e não crescerão mais.



•

- Me quebrar traz sete anos de azar.

## Desfile Cívico em Ijuí

Texto por Fabricio de Souza, designer e  
colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 07 de setembro de 2023.

Os desfiles de 7 de setembro no Brasil são eventos cívicos marcantes que celebram a independência do país em relação a Portugal. A data de 7 de setembro de 1822 é historicamente associada ao “Grito do Ipiranga”, quando Dom Pedro I proclamou a independência do Brasil à beira do rio Ipiranga, em São Paulo. Desde então, essa data é comemorada com desfiles e celebrações em todo o país.

Para o presente ano, em Ijuí, o desfile cívico que apresenta a temática **“Memórias de uma terra educadora: a história da Educação em Ijuí”**, vem para trazer visibilidade a um importante marco na história do município: o ensino. Destacado como uma preocupação constante na história local desde o período da Colônia, com a fundação da primeira escola pública construída em 1983, o ensino se transforma ao longo do tempo, trazendo uma linearidade até a implementação do ensino superior na região noroeste do estado, com a constituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí - FAFI, criada em 1956 e instalada em 1957.

A temática escolhida tem ligação direta com o livro **“O ensino em Ijuí - Do Barracão à cidade universitária”**, de Ana Colling e Beate Ristow, o qual guiará a

estrutura do desfile ao longo da avenida. Ana Colling, uma das autoras da obra, destaca a relevância do Museu como fonte de pesquisa para a consolidação do livro, onde o seu acervo *“permitiu uma ligação da antiga Ijuhy com a atualidade e a contextualização histórica brasileira foi necessária para entender como funcionou a educação de Ijuí desde a escola pública (Colégio Elementar), às escolas privadas, numa Ijuí colonizada por imigrantes que pouco falavam o português”*.



Fotografia mostra o desfile em Ijuí na década de 1940.

O livro referenciado no texto está disponível para consulta na biblioteca do Museu e também para venda na Loja do Madp.



## Erva-mate como patrimônio imaterial

*Texto por Fabricio de Souza, designer e  
colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 14 de setembro de 2023.*

A mostra sobre a Erva-mate coloca em destaque um dos símbolos da identidade do Rio Grande do Sul, enfatizando seu reconhecimento como o primeiro patrimônio cultural intangível do nosso estado. Neste ano de 2023, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae) formalizou o registro, reconhecendo o valor histórico-cultural do Sistema Cultural e Socioambiental da Erva-Mate Tradicional, que engloba seu cultivo e comercialização.

Esse reconhecimento representa um marco no âmbito dos estudos sobre o patrimônio cultural, que rompe com a concepção tradicional focada apenas em aspectos materiais, conhecidos dentro do conceito “pedra e cal”, e que enfatizam construções, locais históricos e obras de arte. Hoje, é possível pensar a valorização cultural a partir das diversas formas de conhecimento e práticas culturais intangíveis.

De acordo com as definições do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), os bens culturais intangíveis englobam práticas sociais, saberes, habilidades, celebrações, expressões artísticas e culturais, bem como locais que abrigam atividades culturais coletivas, como mercados e feiras. A Constituição

Federal de 1988 amplia esse conceito ao reconhecer tanto os bens culturais materiais quanto os imateriais.

A exposição **“Saberes e sabores: erva-mate”**, nesse contexto, surge como uma maneira de prestar homenagem, celebrar e divulgar o conhecimento das culturas relacionadas à produção e economia da erva-mate. Ela destaca costumes que resultam em riqueza cultural, incluindo aspectos gastronômicos.



*Amigas, sem identificação.  
Coleção Família Beck.*

## Erva-mate: história e cultura

*Texto por Paulo Afonso Zarth e Marcos Gerhardt.*

*Publicado em 20 de setembro de 2023.*

A erva-mate é uma árvore de folhas perenes que tem entre quatro e oito metros de altura quando adulta, mas que pode atingir um tamanho maior quando as condições forem favoráveis ao crescimento. Ela foi classificada pelo viajante e pesquisador francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), no início do século XIX, segundo os critérios da Botânica.

Descoberta pelos povos indígenas, consumida como chá na dieta dos Guarani, foi amplamente disseminada em todo o território da bacia do Rio da Prata e mais tarde foi adotada pelos invasores europeus, atingindo o Chile e o Peru. Essa planta se incorporou ao hábito alimentar de outros povos que invadiram a América a partir do século XV. Portugueses, espanhóis e, mais tarde, colonos de outras partes da Europa renderam-se ao sabor e ao costume de tomar mate.

Atualmente é um produto amplamente consumido em diversos locais da América do Sul. O povo Guarani ensinou o processo de preparar o mate, o manejo dos ervais e as técnicas de preparar a erva para o consumo.

Além da importância econômica, o mate é amplamente celebrado pela dimensão cultural. Cronistas e viajantes que circularam pelo Sul da América

destacam a singularidade da bebida. O francês Saint-Hilaire percebeu, em 1820, que “toma-se ao levantar da cama e depois várias vezes ao dia. A chaleira de água quente está sempre ao fogo e logo que um estranho entra na casa se lhe oferece o mate”. O alemão Maximiliano Beschoren registrou, em 1870, que “a primeira coisa que se oferece, em qualquer casa, seja rica ou pobre, é o mate chimarrão”.



*Erva-mate, Serra Cadeado, Ijuí.*

## Museu como um lugar de todos

*Texto por Fabricio de Souza, designer e colaborador do Museu Antropológico Diretor Pestana. Publicado em 28 de setembro de 2023.*

Nas diversas tipologias de Museus, o Madp se caracteriza dentro do sentido antropológico, com a missão de preservar a memória e história relacionada à presença humana em Ijuí e na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, se caracterizando como um importante lugar de memória para a comunidade local. Quando falamos sobre lugares de memória, trazemos o referencial a partir do historiador Pierre Nora, onde desenvolve a ideia de como estes lugares contribuem na análise da memória coletiva representada na sociedade.

O que justifica todo esse contexto apresentado é a última edição do evento nacional, a Primavera dos Museus, que neste ano definiu a temática que permitiu às instituições culturais trabalharem sobre a memória de diversos grupos sociais: LGBTQ+, Quilombolas e Indígenas.

O Madp se inseriu na programação nacional, desenvolvendo várias atividades que objetivaram a reflexão referente à estas comunidades. No que se refere à avaliação do trabalho desenvolvido de forma local, podemos destacar que o Museu se apresentou como a única instituição da região noroeste a enfatizar a temática LGBTQ+, mostrando que esta precisa ser cada vez mais debatida para

a promoção do direito de igualdade. Em relação à questão quilombola, a visita realizada ao Quilombo Passo do Araçá, fez com que pudéssemos reconhecer estes espaços como um testemunho da resistência e afirmação da cultura afro-brasileira. Já sobre a temática indígena, o Museu manteve em cartaz a exposição temporária que aborda a decolonização como forma de promover o reconhecimento e fortalecimento das culturas dos povos originários.

Todas as questões abordadas são de relevância social para a criação de espaços democráticos de memória, no qual todos precisam ser e estar representados.



*Visitantes em espaços expositivos, participando da programação promovida pelo Museu na Primavera dos Museus.*



## Já pensou em ser um apoiador cultural do Museu

*Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 05 de outubro de 2023.*

“**Você reflete a nossa história**” é a campanha do Madp que tem o objetivo de buscar formas de ampliar a contribuição de apoiadores culturais e a participação efetiva da comunidade nas atividades do Museu.

Quem determina o valor é o membro contribuinte, que pode doar **R\$ 10,00 ou mais todos os meses**. Além de ser um apoiador da cultura, os membros contribuintes terão acesso aos eventos promovidos pelo Madp; entrada gratuita em exposições; desconto nos produtos da Loja do Madp; descontos nas taxas de atendimento a pesquisas a distância e de reprodução dos documentos; e isenção da taxa de atendimento a pesquisas presenciais.

A presente campanha envolve toda a comunidade e possibilita que uma das formas de doação seja efetuada a partir do **desconto na conta de energia**, visando atingir um grande número de pessoas, uma vez que é realizado um contato maior com a comunidade externa.

Ajude a preservar a história. Apoie e participe das ações culturais do Museu e seja você também um incentivador da cultura!



*Lançamento da Campanha “Você reflete a nossa história”, 2023.*



*Lançamento da Campanha “Você reflete a nossa história”, 2023.*





## Diversidade Urbana reforça a transformação de Ijuí

*Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.*

*Publicado em 18 de outubro de 2023.*

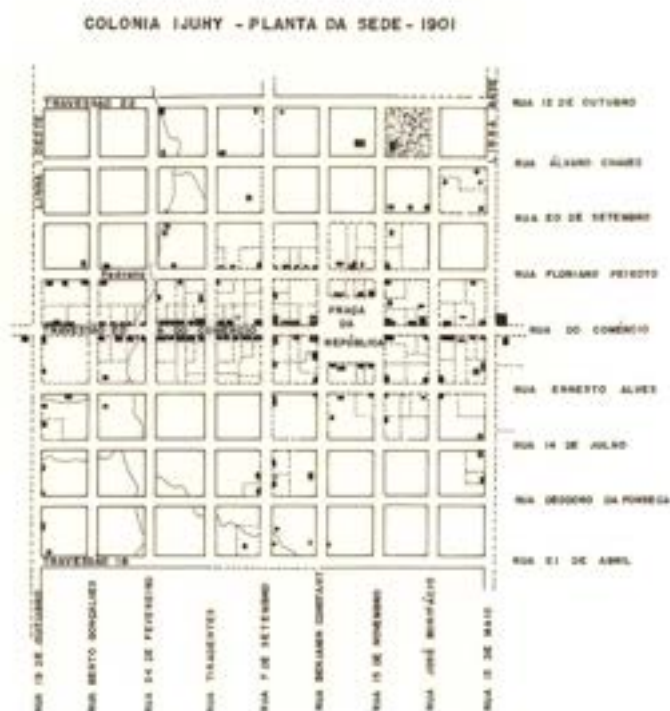
Para trazer um olhar sobre a nossa cidade neste momento comemorativo da fundação da Colônia Ijuí, trazemos uma referência de mais um dos trabalhos desenvolvidos pelo Museu: a Exposição Virtual Diversidade Urbana. A Exposição é constituída por fotografias e mapas, selecionados entre centenas de fotos do espaço urbano de Ijuí, captadas no decorrer dos anos e que hoje fazem parte do acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana.

O projeto, que foi originalmente desenvolvido em 2010 para itinerar pelas escolas de Ijuí, teve a curadoria da professora Bernadete Maria Azambuja, e a equipe de trabalho contou com a participação de diversos pesquisadores. Em 2020 a Exposição foi repensada para o formato virtual, buscando evidenciar a diversidade de olhares e análises que podem ser feitos sobre a cidade de Ijuí: a ocupação do espaço, a retirada da mata original, o tamanho dos lotes, a densidade populacional, os eixos de expansão horizontal, a verticalização, enfim, todos os processos socioespaciais.

A Exposição segue disponível para acesso e nela você pode realizar um passeio pela cidade através do google maps, por meio de referências do acervo documental e iconográfico preservado pelo Museu, conseguindo perceber a nossa cidade como um espaço vivo e dinâmico com suas transformações evidenciadas ao longo do tempo.

Acesse e visite

**<https://sites.google.com/unijui.edu.br/diversidade-urbana>**



Mapa da Colônia de Ijuhy - Planta da Sede 1901.

Documento preservado pelo Museu disponível para pesquisa e presente na Exposição Virtual.

Mais informações através do e-mail [madppesquisa@unijui.edu.br](mailto:madppesquisa@unijui.edu.br)

## Nossa história, nossa memória: nossa comida?

Texto pela Nutricionista Mestre Especialista Bruna Endl Bilibio - CRN2 16750D.

Publicado em 26 de outubro de 2023.

Pensar na alimentação nos tempos atuais parece ser ler bula de remédio: “isso faz bem, faz mal? Quantos % disso, daquilo?”. De fato, os avanços científicos no campo da alimentação possibilitaram melhor compreensão dos impactos dos nutrientes, substâncias e toxinas à saúde. Durante os últimos 50 anos, o foco foi compreender “o que” e “quanto” comemos. Recentemente, começamos a buscar também entender “como” e “por que”. Isso pois, o comer moderno trouxe consigo alterações na relação que temos com a alimentação. Se somos únicos por produzir, preparar e escolher nossa comida ao invés de caçar e coletar o que encontramos pela frente, também somos prisioneiros das próprias criações e modificações que fizemos, reféns do nosso próprio sistema alimentar.

Pensar em nossa história alimentar, nos ajuda a resgatar práticas que não só nos trazem saúde, mas fomentam nossa identidade coletiva. Numa relação que começou há 1,5 milhões de anos por meio do fogo, modificada pela agricultura, pela revolução industrial e pela revolução tecnológica, talvez dar a ela o espaço e que ela merece, como mesmo cita o Guia Alimentar para a População Brasileira, seja um bom começo. Trazer à tona, portanto, espaços culturais que abrangem também

o processo civilizatório da alimentação elabora debates e cria possibilidades para que possamos compreender os desafios de comer num mundo globalizado, desigual e contraditório.

Parafraseando Claude Fischler (sociólogo e antropólogo francês): A alimentação vai além de fornecer nutrientes para o corpo. Ela é rica em significados culturais e simbólicos, tornando-se uma questão humana complexa. Pensar assim, portanto, nos possibilita desenhar coletivamente estratégias para uma cultura alimentar mais saudável e sustentável. Ao olhar uma panela antiga e ouvir uma história de “vovó”: estamos olhando para frente!



*Espaço Expositivo do  
Museu Antropológico  
Diretor Pestana.*

## **Para onde vai o brincar quando a infância acaba?**

*Texto por Iselda Sausen Feil, diretora do Museu.  
Publicado em 02 de novembro de 2023.*

Cada um de nós, quando criança, viveu em um ou mais lugares. Estes lugares, tão diferentes, tão ricos de possibilidades, estão guardados em algum canto da nossa memória. Então, há um lugar e um jeito singular de ter sido criança.

Neste pedaço de vida de cada um de nós há um canto encantado, o canto das nossas brincadeiras, de grupo, brincadeiras de brincar sozinho, sozinha, a magia dos nossos brinquedos: brinquedos de loja, jogos de papelão, brinquedo de lata, restos de coisas de gente grande, um mundo de coisas.

Há a lembrança de um mundo de faz-de-conta que eu construí. Puxando esse fio da memória, cada uma de nós tem uma história, cada uma de nós tem a sua história (Kramer, 2007). Vamos brincar e partilhar estas lembranças e esta infância, tesouro vivo sempre presente, embora muitas vezes esquecido?

### **Por que é importante recordar?**

Em princípio, todos os adultos, de algum modo e em algum momento de suas vidas brincaram. Muitos, porém, parecem “esquecidos” disso, mantendo divorciadas suas lembranças de brincadeiras infantis da realidade que protagonizaram diariamente.

Muito poderia ser dito sobre esta “amnésia”, mas aqui basta que saibamos que, para ser adulto/educador, a reconciliação com as lembranças relativas à infância é necessária como condição e expressão de nossa capacidade de compreender as crianças e, assim, intervir pedagogicamente. Além disso, um olhar reflexivo e sensível sobre nossa infância auxilia no reconhecimento de diferenciar as crianças reais de nossas representações de infância.

É somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e descobrir seu eu Winnicott (1975). Como afirma Fortuna (2000), a principal herança do brincar para a vida adulta é a criatividade.

### **Dica de Leitura**

Sônia Kramer. A infância e sua singularidade.

Donald Woods Winnicott. O brincar e a realidade.

Tânia Fortuna. Sala de aula é lugar de brincar?



*Exposição Temporária  
“1, 2, 3 e já: o lúdico na  
diversidade étnica sul-  
rio-grandense”, presente  
no Museu até o dia 15 de  
dezembro.*



## A necessária integração entre Museu e comunidade em atividades culturais

Texto por Iselda Sausen Feil, diretora do Museu.  
Publicado em 09 de novembro de 2023.

O Museu Antropológico Diretor Pestana, desde sua criação objetivou salvaguardar a história, não guardando-a em redomas de vidro, mas, preservando e difundindo para as gerações de forma reflexiva e humanizada.

Afinal, nos referindo ao Museu: Que espaço é este? O que poderia nos motivar a deixar outros, programas e irmos até o Museu? Num domingo à tarde? Respondo: Para recordar a criança que fomos, qual a infância que nossas crianças vivem hoje, e qual a projeção possível para o futuro, diante do que estamos realizando, construindo, destruindo, hoje.

É este um dos grandes desafios da nossa existência: mobilizar as pessoas da comunidade a participar, interagir, se permitir a olhar, mas, com olhar curioso, sensível, perguntador: O que estamos fazendo para que o mundo das novas gerações seja mais humano, generoso e acolhedor?

O Domingo no Museu é uma das formas de chamar, sensibilizar as pessoas o quanto um Museu, o que nele habita, podem proporcionar e contribuir para a humanização e o desenvolvimento via cultura, ou culturas que a humanidade vem construindo ao longo da história.

E, que através de um olhar sensível, crítico, criativo e propositivo, pode apontar para novas possibilidades, e novos sentidos para o futuro no qual diferentes culturas podem e devem coexistir em sintonia, sem perderem suas identidades.

Além da diversidade cultural, precisamos pensar na cultura geracional: compreendendo que cada tempo precisa ter espaço e tempo para viver sua cultura: como a cultura infantil, juvenil e do idoso, que historicamente foram silenciadas. Parece que a geração que tem valor é aquela que produz.

É uma prática do Museu estabelecer parcerias, promover eventos conjuntos com as mantidas da FIDENE, com outras universidades, instituições culturais e educacionais, empresas, associações, entre outros. Isso permite uma visão mais abrangente, alargada e interdisciplinar sobre a mesma temática e também proporciona o alcance do Museu para além de Ijuí, da região noroeste do estado.



*Domingo no Museu realizado no dia 05 de novembro.*



## **Esculturas de Ludwig Reichardt Filho: um artista que vislumbrou a natureza**

*Texto por Francesca Werner Ferreira, Presidente da AIPAN e curadora da Exposição.  
Publicado em 16 de novembro de 2023.*

Neste ano, em que comemoramos 50 anos, a AIPAN tem o prazer de apresentar a exposição “Esculturas de Ludwig Reichardt Filho: um artista que vislumbrou a natureza”, em parceria com o Museu Antropológico Diretor Pestana.

O artista e ambientalista Ludwig, nasceu em 1936, em Lajeado (RS), e com a família, erradicou-se em Ijuí, onde foi um cidadão com muitas atividades junto à comunidade ijuiense, para além da sua formação profissional como contabilista. Foi um dos fundadores da AIPAN, em 1973, ocupando por diversas vezes, a cadeira de presidente além de outros cargos na diretoria.

Como artista, através da escultura, de forma consciente ou não, chama atenção para um dos mecanismos fundamentais da vida e talvez, do universo como um todo: “a reciclagem, ou seja o reaproveitamento dos destroços daquelas formas que exauriram o seu ciclo de nascimento, crescimento e morte, para a criação de novas formas de existência.”

Nessa exposição estarão presentes obras que remetem a diversos momentos históricos, pessoais e sociais, sendo algumas descritas pelo autor, com curiosidades da sua trajetória de criação e com sua posição questionadora das ações

humanas que destroem o ambiente e degradam a humanidade.

Os atuais problemas socioambientais, que povoam as discussões e notícias nos meios de comunicação, sempre estiveram materializados nos temas e na obra deste artista que teve a Natureza como protagonista.



*Obras em exposição no Espaço Ijuí Hoje.*

## 1, 2, 3 e já: o lúdico na diversidade étnica sul-rio-grandense

Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.

Publicado em 23 de novembro de 2023.

Os brinquedos, bem como as brincadeiras, têm em si propósitos múltiplos, afinal oferecem entretenimento e cumprem papel educativo. Brinquedos aumentam o comportamento cognitivo e estimulam a criatividade, assim como auxiliam no desenvolvimento das habilidades físicas e mentais.

Os brinquedos eram, e ainda são, frutos do que se compreendia da natureza e uma forma de interação entre o homem e a mesma. Neste sentido, vários brinquedos tradicionais irão nos contar um pouco da história da humanidade, seu desenvolvimento, descobertas, valores, formas de vida, trabalho e lazer, como pensavam, viam o mundo e interagem com ele. Desde a antiguidade, temos a presença de utensílios lúdicos, tais como: o quebra cabeça, a pipa e o dado.

Todos estes surgiram como objetos de uso cotidiano e com o tempo tornaram-se artefatos relacionados à brincadeira.

É neste contexto, considerando brinquedos e as brincadeiras essenciais para o desenvolvimento saudável dos seres

humanos, bem como um testemunho real das formas de desenvolvimento da sociedade, que o Museu promove exposições temporárias sobre o tema e mantém uma seção na Exposição de Longa Duração.

Visite e conheça mais sobre o acervo de brinquedos preservado pelo Museu.



Fotografia da Exposição Temporária “1, 2, 3 e já: o lúdico na diversidade étnica sul-rio-grandense”.

## Fica a dica: mês da consciência negra

*Texto por colaboradores do Museu.  
Publicado em 30 de novembro de 2023.*

A música é uma expressão artística que transcende fronteiras na diversidade de vozes na indústria musical. Uma maneira de apoiar essa diversidade é consumir música de artistas negros, cujas contribuições têm desempenhado um papel significativo em diversos gêneros.

No nosso Fica a Dica, contamos com sugestões de Thayane Madruga, do projeto Narrativas Negras, e de Aline Mota, museóloga do Museu Antropológico Diretor Pestana, para a apreciação do trabalho de artistas negros e o incentivo ao consumo. Tais artistas, que por meio da sua influência, trazem junto nas suas obras o ativismo social, manifestado a partir de questões como desigualdade, racismo e justiça social.

Conheça mais sobre: Djavan, Emicida, Gilberto Gil, Beyoncé, Milton Nascimento, Elza Soares, Whitney Houston, Péricles, Drik Barbosa, Carlinhos Brown.

Também como forma de forma de estimular o consumo de produções de autores negros, Thayane Madruga apresenta mais sugestões para abraçar obras de diferentes autores.

Conheça mais: O manual antirracista/Djamila Ribeiro; Racismo Estrutural/Silvio Almeida; Racismo Recreativo/Adilson Moreira; Quarto de

despejo/ Carolina Maria de Jesus, Dom Casmurro/Machado de Assis; Canção para ninar menino grande / Conceição Evaristo.

Para conhecer mais sobre a temática você também pode assistir a Conversa Virtual promovida pelo Museu sobre Letramento Racial, que já está disponível no Youtube do Madp (<https://www.youtube.com/MuseuAntropologicoDiretorPestana>).



*Família, sem identificação. Coleção Família Beck.*

## Baixe o caderno de Educação Patrimonial, jogue e descubra a cidade de Ijuí

*Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu Antropológico Diretor Pestana.  
Publicado em 07 de dezembro de 2023.*

Este material foi feito com o objetivo de ajudar a entender o que é patrimônio cultural e sua importância para a vida das pessoas, pois o patrimônio cultural tem a ver com nossa história, nossa memória, nossa cultura, portanto com nossa identidade enquanto indivíduos e comunidade. Além dos conceitos que nos fazem compreender sobre o patrimônio cultural local, você pode baixar o jogo de tabuleiro referente a ação educativa proposta pelo Museu.

O caderno é parte integrante do Projeto Valorização do patrimônio imaterial de Ijuí – As Benzedeadas, realizado pela Prefeitura Municipal de Ijuí e Governo do RS, e teve por objetivo a produção de um documentário e de uma exposição fotográfica sobre as atividades das benzedeadas e benzedores em Ijuí/RS.

O Projeto ao abordar a temática do benzimento pretendeu provocar uma reflexão sobre a importância do patrimônio material e imaterial na identidade da comunidade ijuiense uma vez que a figura das benzedeadas e dos

benzedores, enquanto ícone de saberes e religiosidade, foi durante muito tempo a única alternativa a recorrer para sanar mazelas, tanto de ordem física quanto espiritual, razão pela qual era altamente requisitada e prestigiada. Portanto os registros destas atividades contribuirão para o empoderamento e dignificação destes personagens ainda presentes, embora em menor número, na vida e no imaginário cultural local.



Acesse o QRCode e baixe o conteúdo exclusivo produzido pelo Museu.



## O lustre da Igreja do Relógio

*Texto por Belair Stefanello, educadora do Museu, a partir do depoimento de Sra. Martha, em 2003, quando tinha 93 anos.*

*Publicado em 07 de dezembro de 2023.*

O Lustre que se encontra no espaço dedicado à religião na Exposição de Longa Duração do MADP pertenceu à Igreja da Cruz, isto é, ao templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), mais conhecida pelos ijuenses como a Igreja do Relógio.

De acordo com o depoimento da Sra. Martha Rees à sua filha Úrsula Rees em 28 de abril de 2003, no final da década de 1920 vários membros da referida comunidade se juntaram à diretoria da época e ao conselho comunitário para atualizar o templo, voluntariamente. Foi decidido contribuir por família – membro, com posterior aprovação do Pastor da época, Franz Kreutler. Aos pais de Dona Martha, Ferdinando Schweger e Wanda Schlösser Schweger coube patrocinar o lustre, que surgiu baseado em sugestões iniciais do Pastor Kreutler que pediu: *“bastante luz no centro do templo”*.

Outros membros da comunidade doaram o batistério (pia batismal) e o harmônio e reformularam o altar, à época. Era tudo voluntariamente efetuado e o Pastor Kreutler aprovava ou não.

Ainda, de acordo com Dona Martha, a confecção do desenho definitivo e o projeto da parte metálica (cobre e

ferro) foram pagos ao Sr. Sokolowski, engenheiro agrimensor, cuja esposa Dona Ana era professora no Colégio Evangélico (atual Ceap). A estrutura metálica de cobre foi feita manualmente, batida com martelos diferentes.

A confecção do projeto elétrico e a sua execução foi de responsabilidade do Sr. Stuckmann, engenheiro eletricista alemão, também protestante, inquilino do Sr. Ferdinando e, à época, responsável pela execução da eletricidade gerada na usina elétrica do Potiribú, do município de Ijuí. Foi auxiliado por seu amigo Saueressig, eletricista que veio com ele da Alemanha. Os dois decidiram que as lâmpadas teriam formato de vela e seriam leitosas (e não translúcidas) e, de preferência, de vidro fosco para difundir melhor a luz na nave da igreja. As tais lâmpadas tiveram que ser importadas da Alemanha.



*Lustre presente na Exposição de Longa Duração. Venha conhecer!*

## Palavras da Diretora

*Texto por Iselda Sausen Feil, diretora do Museu.*

*Publicado em 21 de dezembro de 2023.*

O ano de 2023 foi desafiador para o MADP. Uma nova direção foi estabelecida, buscando a liberdade da pandemia. Sonhos, realidade e demandas motivaram a elaboração de um planejamento por uma direção, para ser coordenado e executado por outra. Assumir a liderança de uma instituição já estruturada e com entendimentos alinhados ao longo de muitos anos não foi, nem é, tarefa fácil. Isso ocorre principalmente quando há uma tendência em não abrir mão do que já foi estabelecido, o que é natural. Em um novo ciclo, tornou-se necessário refletir sobre este caminho, fortalecendo e consolidando o que está dando certo e superando as fragilidades, ou seja, avançar a partir dos progressos e romper com o que estrangula e impede avanços.

Foi uma experiência assustadora e, ao mesmo tempo, desafiadora!

Desde o início, compreendemos que uma mobilização para dar maior visibilidade à importância do Museu era imprescindível. Isso seria feito na perspectiva de evidenciar sua finalidade, que é salvaguardar a memória como referência para a articulação entre o passado, presente e futuro. O objetivo era mostrar à comunidade interna e externa que uma cidade com Museu faz (ou precisa fazer) uma grande diferença

em relação a uma cidade sem. Está tão claro assim? Como comprovar isso? Faz sentido para todos? Como o museu está sendo compreendido pelo imaginário das pessoas? E, para nossa surpresa, uma das primeiras manifestações ainda continua sendo o “lugar de coisas antigas”. As pessoas, em parte, têm razão, visto que essas memórias “antigas” são fundamentais para compreender que a reflexão do passado contribui para entender o presente e aponta possibilidades de futuro.

Queremos ouvir mais as pessoas: quem são, como e onde vivem, seus sonhos, projetos e suas perspectivas de futuro. Queremos oferecer ações, interlocuções, eventos que possam, de algum modo, contribuir para que essas pessoas possam refletir mais sobre sua vida, seus conhecimentos e também agir com mais autonomia e dignidade. Queremos que reconheçam que todos nós somos sujeitos de direitos.

Continuamos com a certeza de que o Museu é um espaço de cultura - produto e produtor de cultura e conhecimento.



*Domingo no Museu, uma das atividades culturais promovidas pelo Museu no ano de 2023.*

